

Última
Edição
do Ano!

Porandubas

Porã'duba: "causo", informação (em língua tupi)



Jornal da Comunidade Universitária - PUCSP - Ano IX - 21/Novembro/1985

13º SALÁRIO VAI ATRASAR (mesmo)

Nesta Edição:
12 Páginas!

- Escala Móvel - p. 4
- Federalização? - p.9
- E o Jânio, Hein? - p.10
- Firmino + Rocha - p.11
- Contos para seus filhos - p.5-8

Editorial

Este recado é dirigido àqueles que presenciaram uma série de críticas feitas nos Colegiados ao trabalho da equipe que produz o Porandubas, o mural "É Hoje!" e faz assessoria de imprensa. A crítica a nós sempre foi bem-vinda e não é ela que está em questão. Temos a impressão de que as acusações foram sistemáticas (campanha preparada?) e não acreditamos na sua boa-fé, já que feitas em nossa ausência e em momento algum fomos procurados para esclarecimentos. Ora, os Jânios em todos os tempos sempre tentaram fazer da imprensa seu bode expiatório.

Você que presenciou estas críticas, merece ouvir o outro lado. Por uma série de justas razões, o tempo de trabalho alocado em nosso setor foi reduzido pela metade. Esta situação, que é de inteiro conhecimento das autoridades universitárias, se arrasta há meses sem que nenhuma decisão seja tomada por elas. Os que aqui trabalham têm dado tudo de si para que a continuidade de suas tarefas não sofra interrupção. Contudo, é evidente que - não por nossa responsabilidade - diminuiu a presença de nossa reportagem aos acontecimentos da PUC.

Colocamo-nos à disposição - e até solicitamos ser incluídos na pauta dos Colegiados - para, em respeito a eles e ao nosso setor, podermos prestar esclarecimentos de forma civilizada.

Prof. Alípio, vice-reitor administrativo, informa que não há fundos mesmo para pagar o 13º salário em dia, que vai exigir recursos de 8,6 bi. Estão sendo feitas negociações com o Bradesco para aumentar o limite da conta-garantida e sendo buscados empréstimos junto a vários bancos. A preocupação de Alípio é que, ao contrário dos anos anteriores, as matrículas dos estudantes — a serem feitas em janeiro — não vão trazer excedentes e assim não vai ter como pagar os empréstimos levantados para pagar o 13º salário.

Alípio dá uma idéia de como está a caixa neste final de semestre. A receita, vinda das mensalidades, diminuiu um pouco frente à sua previsão mas tende a ser recuperada em dezembro e na matrícula. Por outro lado, a perspectiva é a vinda de uma verba de 1 bilhão do MEC (que anunciara 540 milhões, recuou para 50 milhões e agora nos vem com esta) prometida para outubro mas que deve chegar no início de dezembro. Outra fonte de recursos são os projetos e serviços em convênios para 86 com as Secretarias (de Estado) da Educação e Fazenda, que devem trazer 1 bi. O vice-reitor conclui que a PUC está com uma necessidade premente de verba do Estado para custeio, isto é, para pagamentos.

Comissão Redacional

Dia 14/11 o Vice-Reitor Comunitário, Prof. Chizzotti, convocou o editor deste jornal para informar que:

.após muitas reuniões feitas pela Reitoria, ficou decidido que será constituída uma "Comissão Redacional" para a Assessoria de Imprensa e Comunicação;

.esta Comissão recebe delegação direta da Reitoria para acompanhar nossa produção de textos e reformular o aspecto gráfico;

.esta Comissão é formada por 3 membros e terá uma função técnica e também política;

.que esta decisão é de inteira responsabilidade da Reitoria e que os Colegiados e Grupos de Trabalho serão informados e respeito em seu devido tempo;

.que o editor deste jornal (que solicitou a decisão seja comunicada por escrito) terá tempo de manifestar sua posição a respeito.

Reajuste das Mensalidades: 69,2%

O vice-reitor administrativo informa que o cálculo do índice de reajuste das mensalidades tradicionalmente é feito com base ao INPC de outubro, que ficou definido em 69,2%. Contudo, a Reitoria solicitou uma diligência jurídica quanto à sistemática de aplicação do índice, já que a letra da lei se presta a interpretações diferentes. Por outro lado, uma comissão nacional verifica em Brasília a aproximação do INPC à realidade do custo de vida. Assim, segundo o vice-reitor, o prazo para definição do reajuste de mensalidades é 16 de dezembro.



Passeata na Praça Patriarca, com Luís Travassos de megafone e José Dirceu (estudantes de Direito/PUC) em cima do ônibus, em 1968, protestando contra a morte de um estudante nos choques da R. Maria Antônia entre alunos da Filo/USP e o CCC do Mackenzie. Prossegue a série de reportagens sobre a história do Movimento Estudantil na PUC, agora sobre os anos 60. Confira na página 2 e 3. (Foto Carlos Namba, arquivo Porandubas).



Para montar o quadro geral (com lacunas, ressaltos) da década de 60 do Movimento Estudantil da PUC, apelamos para a memória de: Pe. Enzo, Marijeane (viúva de Luís Travassos), Henrique Suster (ex-presidente do CA S. Bento e coordenador do TUCA, grupo e auditorio), Ciampa (ex-presidente do DCE), Elisabet Carrara (ex-vice-presidente do CA "22 de Agosto"), Lili (ou Eliane Gouveia, ex-estudante de Ci. Sociais), Elinei (ex-vice-presidente do CA S. Bento), Nagamine (ex-secretário da S. Bento). Também utilizada entrevista com José Dirceu (dada a Bruno Blecher e publicada em 80 no Porandubas) e as edições da Revista da PUC. Agradeço a todos (JC).

A DANÇA DAS CABEÇAS

Os anos 60 remexeram geral nas cabeças, mundo afora. A pílula, Tropicalismo, Primavera de Praga, Beatles e Woodstocks, João 23, Cinema Novo e CPC, os festivais da Record, Maio de 68 na França, Concílio Vaticano 2º, Mini-Saia, os "Padres de Passeata", a luta armada e (last but not least), a Renúncia do Jânio, o Golpe de 64 e o AI-5 em 1968.

Na PUC o negócio foi o seguinte. A década começou com uma re-articulação da Faculdade S. Bento, com Pe. Enzo assumindo a diretoria em 61. Ele chamou o Nagamine para secretário e já começaram a esboçar uma reforma que deveria atingir a universidade (que na época não existia, era cada faculdade pro seu lado, a Reitoria nem mandava nem aparecia e o que valia era o Diretor). Na S. Bento começou-se a diminuir o poder dos catedráticos que, sendo seis, acabavam decidindo contra todo o corpo docente. Enzo logo aumentou os cursos, chamou professores jovens vindos da JUC, apertou no vestibular que era uma moleza e conseguiu atrair mais gente. A Fac. Paulista de Direito, que tinha muito prestígio, não mexeu na estrutura, sendo seu expoente o "Maneco" (Manoel Gonçalves Ferreira Fº, ferrenho anti-comunista). "O único que se salvava era o Montoro, lembra José Dirceu, tanto do ponto de vista intelectual como jurídico, se não me engano". Dia 25/2/61 a PUC deu o título de "Doutor Honoris Causa" para o Dr. Schultz Wenk, presidente da Volkswagen.

Em 63, como resultado de cursos de extensão em Psicologia Clínica, do Trabalho e Educacional, surgiu o curso de Psicologia da S. Bento, que durava 6 anos. Idealizado por Enzo Azzi o curso começou com proposta renovadora, iniciando novo tipo de relação professor-aluno.

A construção do TUCA esquentava as turbinas (foi inaugurado em agosto de 65) e os alunos já reclamavam do desvio de verba para um "elefante branco". Aliás, a S. Bento era discriminada na Tesouraria porque não dava lucro, o que não acontecia com o Direito. Por sinal, eram muito comuns atrasos de pagamento de professores de até 3 meses mas

naquele tempo eles não reclamavam muito.

Em fevereiro de 64, invasões da reitoria uma semana antes do Golpe, a Reitoria foi invadida. O reitor era D. Antônio Maria, que morava em Campinas. Quem mandava ainda era o Pe. Vitor Nickelsburg, numa estrutura tribal. Os estudantes estavam descontentes com a mensalidade, discutia-se a situação das Integradas e das Agregadas (estas tinham fundações próprias, muito deficitárias) e o curso de Serviço Social masculino foi expulso sem aviso para dar lugar ao curso noturno de Economia. O governador, Adhemar de Barros (pai), queria usar a Força Pública para desalojar os estudantes. José Serra, presidente, da UNE entrou em contato com Jango que mandou tropas do exército acantonarem próximo ao campus, com ordem de intervir em favor dos estudantes. O Dr. Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, acabou sendo convidado para Reitor pelo Grão-Chanceler, cardeal Mota, com total apoio dos 12 representantes estudantis no Conselho Universitário. "Bandeirão" ficou oito anos na Reitoria e comenta-se que foi de suas mãos que a PUC nasceu como Universidade.

Em agosto de 65 foi a inauguração do Auditório Tibiriçá, logo ocupado pelo grupo de teatro dos estudantes, o TUCA, que dia 11/setembro daquele ano estreou a peça "Morte e Vida Severina". Em maio/66, em Nancy, França, o grupo venceu o Festival Internacional de Teatro Universitário.

Nova invasão da Reitoria, em julho de 68, comandada por José Dirceu. "Bandeirão" espertamente, não ligou, os estudantes perderam as férias, a turma de Direito despeitada por não ter sido convidada foi contra-e o movimento foi vencido pelo cansaço. Acabaram devolvendo a chave da PUC ao cardeal Mota.

ATIVIDADES DOS CAS

Nessa década, a PUC tinha reduzido número de alunos: 8 mil, distribuídos em 12 institutos, e mais 13 mil ex-alunos. A coesão e o clima comunitário eram grandes em todos os níveis. Dom Mota chegou a prestigiar em 1960 a inauguração da biblioteca do CA "22 de Agosto", que manteve o serviço de apostilas, um jornal mensal e uma revista, feira de livros departamento social, atlética e depto. jurídico. O CA S. Bento também promovia atividades para os calouros, debates políticos e científicos - a Reforma Universitária era assunto sempre presente e até o Pré-Filo, curso pré-vestibular. O CA Psico era muito politizado, pois o curso era novo e tinha idéias novas. Em geral, os CAS mantinham atividades junto aos movimentos populares, utilizando o método Paulo Freire - grande novidade da época em cursos de alfabetização.

Inclusive Nagamine, que era funcionário, e Lucrécia, que era professora (e da AP), tiveram contato com Paulo Freire nas experiências de Angicos e de Natal e mais tarde desenvolveram trabalhos em Osasco e no litoral paulista. Pe. Enzo deu cobertura e o grupo Folhas financiou algum equipamento. As lideranças estudantis falavam muito numa aliança sindical-estudantil-camponesa. Entre si, os CAS eram muito desarticulados e quase que só se encontravam no Conselho Universitário, onde junto com o DCE, tinham representantes.

ME NO GERAL

Até 67 o Movimento Estudantil no Brasil (ME) ainda estava estruturado nacionalmente. Embora sem dispor de DDD, deflagrava-se greve geral dos estudantes do país em um dia, já que as ordens eram passadas rapidamnete às bases. Além de UNE, UEEs, DCEs e



CAs organizados, havia ainda as Executivas Nacionais, que reuniam os estudantes por áreas profissionais, tendo na base os Centros de Estudos, ou "centrinhos", onde se tratava da regulamentação das profissões, da organização de reuniões nacionais.

Depois do Golpe, o ME em boa parte se baseou nos estudantes da PUCSP, já que a USP estava muito reprimida, o Mackenzie era de direita e a Igreja nos dava cobertura. Diretorias da UEE e da UNE tiveram constantemente estudantes da PUC.

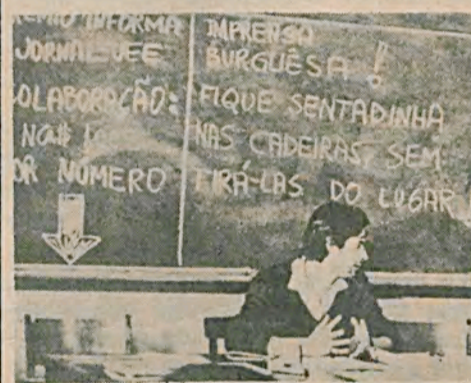
As bandeiras de luta eram a oposição à ditadura, ao imperialismo, a defesa da libertação latino-americana e a denúncia do acordo MEC-USAID. A nível universitário a briga era contra a Lei Suplicy que procurava atrelar os CAS transformando-os em DAs (Diretórios Acadêmicos) para cujas diretorias era-se obrigado a votar, sob risco de perder o ano. A Lei Suplicy foi derrubada na prática em 66-67 com uma bem-sucedida campanha de abstenção ou então com o "jeitinho" de eleger a diretoria do DA que depois doava verba e sede para o CA, ou ainda através da coexistência das duas diretorias mas com um tesoureiro comum...

REPRESSÃO

A resistência ao Golpe, num primeiro momento, foi sustentada pelos veteranos de 62, 63, o que determinou continuidade do movimento, mesmo porque a repressão mais forte começou em 68. Havia muito boato de listas de detenções, ameaças. Havia permanentemente gente estranha pelo campus da PUC. Sabia-se da existência dos dedo-duros. Os murais, muito utilizados volta e meia tinham artigos arrancados. Comentava-se que estavam nos arquivos do DOPS. A repressão legal, além da Lei Suplicy, ficava por conta do Decreto Lei 477 - espécie de AI-5 do estudante, que proibiu a atividade política da categoria.

Beth Carrazza lembra que o "22 de Agosto" soltou um jornal tendo um gorila na capa, poucos dias antes da

ANOS



decretação do AI-5 (em 1968). Logo em seguida, a polícia invadiu o CA, que ficava onde hoje é a Fac. Comunicação e Filosofia. A partir daí, o CA mudou de estratégia, promovendo cursos de extensão e especialização, ajudados pelos jovens professores Bandeirinha e Ataliba. Parece que estes e outros cursos resultaram depois no Pós-Graduação. Depois de 68 o clima ficou muito pesado, neurótico mesmo, dentro das Universidades.

PARTIDOS E CORRENTES

Em quase todas as Universidades havia partidos internos. Os estudantes de Direito mantiveram vivos desde a década anterior o PIU (direita) e o PODA (esquerda) e, com Eugênio Montoro à frente, inventaram o PIRA, da esquerda católica.

60

escondiam sua filiação à TFP, suas ligações com o CCC (Comando de Caça aos Comunistas), à organização para-religiosa Opus Dei, à revista Concílium e ao IBAD, "instituto" que repassou recursos para o Golpe. Alvos prediletos da reação na PUC eram "Monsenhor Vermelho" (Pe.Enzo) e "Rasputin" (Nagamine).



Na São Bento o espectro era mais ideológico, convivendo nem sempre pacificamente a JUC, o PCB, a Ação Popular (AP) e a "Reação" (apelido da direita). A reação era muito forte e ligada aos catedráticos, que não

A hegemonia na PUC era da AP, que nasceu da JUC mas após um doloroso parto, acabou se separando. Por volta de 63 a JUC estava em extinção, tornara-se uma camisa de força. A Igreja não tinha resposta para o momento político, não saía do esquema PDC e não via além da sua Doutrina Social, produzida no Vaticano. Nos primeiros anos da década, a JUC tinha o PCB como adversário e a AP acabou sendo a saída para os descontentes dos dois lados. A AP foi uma versão leiga da JUC e teve seu auge entre 63 e 66, quando seus membros detinham postos-chave em todas as entidades legais.

Marijeane identifica algumas fases na AP:

Até 65 ainda prevalecia a influência católica, falava-se em Teilhada de Chardin. Ainda havia uma certa identificação e, portanto, alguma liberdade individual. Após o Golpe, a AP ainda conseguiu manter sua articulação.

Muitos atribuem à AP o sucesso de "Morte e Vida Severina", que em muitos aspectos teve muito de movimento político, sendo um espaço possível de encontro e denúncia. Seus mentores - Roberto Freire, Silnei Siqueira e Ferrara e muitos de seus atores e colaboradores eram estreitamente ligados à AP. Ela funcionava na base de "células", usando textos de debate e promovendo cursos nos dominicanos. Dividiam-se seus militantes em "ampliação" (gente com adesão maior) e "área próxima" (simpatizantes).

Até 67, prevalece a linha cubana, defendida por Altino Dantas. Lia-se e discutia-se muito os textos de Che, Régis Debray, Althusser. Os católicos foram expulsos ou então se tornavam marxistas. Começavam-se a treinar para a luta armada, aprendia-se a fazer coquetéis Molotov. A luta armada foi o divisor de águas.

A partir de meados de 68, o ME já está descaracterizado, sendo celeiro de quadros para a clandestinidade que aumentou com a repressão geral aos

movimentos de massas. A AP manda gente para a China, fala-se em revolução cultural, preparam-se as guerrilhas. São líderes nacionais da AP, o Betinho (irmão do Henfil) em Belo Horizonte, o Jean Marc e o Aldo Arantes no Rio e o Travassos e Plínio A.Sampaio em S.Paulo.

Em 71,72, a AP racha. Aldo Arantes e José Carlos Guedes foram para o PC do B e Paulo Wright e Honestino criam a AP marxista-leninista.

O PCB conheceu pelo menos duas dissidências. A primeira partiu da crítica à tibia atuação do partido diante do Golpe, numa atitude reformista. Estes críticos foram expulsos. Com a questão da luta armada, vem a segunda dissidência, o PCBR ("R" de Revolucionário), que adere à ALN de Marighela.

Capítulo à parte eram as assembleias foco de atenção dos partidos. Muito mais preparadas e manipuladas do que hoje, as assembleias eram um verdadeiro teatro, com rachas fictícios, falsas questões de ordem, sinais convencionais para se comandar as cotações. A tática cotidiana era ocupar espaços, nem que fosse o de tomador de conta das bolas da Atléica. Um dos especialistas em controlar plenários era o Suster, que tinha total intimidade com os meandros do regimento interno das Assembleias, que em boa parte lotavam a sala 28. A S.Bento adorava realizá-las, sempre muito concorridas.

REFORMA UNIVERSITÁRIA

Desde o início da década, além do desenvolvimentismo, os estudantes falavam também em reforma universitária. A questão acadêmica pegou fogo em 68, pois o ensino era considerado muito ruim. Nagamine e os professores Joel Martins e Casemiro dos Reis Fº haviam feito no ano anterior um documento, "Estudos Básicos para a re-estruturação da PUC". Por coincidência, o MEC soltou no mesmo momento sua proposta de reforma universitária, o que valeu aos autores do "Estudos Básicos" a fama de pelegos do MEC-USAID.

Em todo caso, 68 começou com experiências de paridade, defendida com veemência por duas estudantes de psicologia, a Têia (da S.Bento) e a Catarina Meloni (do Sedes). Professores e alunos em conjunto criavam "projetos de ação", havia cursos paralelos e complementares às aulas dos catedráticos. As paritárias projetavam experiências pedagógicas e a Reforma Universitária.

Em 69, responderam a inquérito com base ao DL 477, o Nagamine, Malufe, Suster, Azzi e um certo Guilherme Dutra. A Reforma Universitária produzida pela PUC se implantou em 71 e 72: baseando-se no Ciclo Básico e no Pós-Graduação.

CORAÇÃO DE ESTUDANTE

Como sentiam, como pensavam os estudantes? Os líderes começavam estudando muito, sendo bons alunos, e se preocupando com os destinos da Universidade. À medida do seu engajamento, era obrigados a largar o curso. Segundo Dirceu, o ME produziu uma grande revolução de costumes, ao romper com uma estrutura moral e a seguir social e cultural. Sem o ME, diz Dirceu, não teria havido Tropicalismo, Cinema Novo pois os estudantes se integravam com os artistas. Beth Carrazza diz que a preocupação cultural era mesmo maior que atualmente (ela fez a cena dos "irmãos das almas" no

TUCA, foi a Nancy e até hoje tem sobras da emoção incontrolável daquele momento).

A tentativa da "Reação" era desmoralizar o jovem no plano...moral. Dirceu lembra que após a invasão policial do CRUSP, os anticoncepcionais figuravam com destaque no meio do material subversivo... Aliás, a chamada revolução sexual apenas engatinhava. Questões nesta área geravam muito escândalo. Em 65 as mais afoitas foram proibidas de vir às aulas de calça comprida. Pois passaram à mini-saia, também proibida. Resultado: conquista da licença para a calça comprida... Meio nebulosamente alguém lembrou de um famoso pé-de-amora, no fim do campo de futebol (hoje Prédio Novo), onde os casais enamorados iam colher frutos...

A grande curtição era mesmo discutir nos bares política e os rumos nacionais. O Bar S.José, ou "Cardoso" (esquina de Monte Alegre com Caiuby) estava no auge. A forte mentalidade anti-burguesa fazia com que os poucos que tinham carro estacionassem longe do campus, para não dar na vista. Lia-se Hermann Hesse, Garaudy e Mounier, este objeto de muitos grupos de estudo. Segundo José Dirceu, a questão de "ir para a luta armada" não era discussão pública mas decisão individual.

ALGUMAS PESSOAS

São lembradas mais ou menos imprecisamente algumas lideranças da época. Luís Travassos, entrou em 65 na Fac.Direito, já sendo tesoureiro do DCE do Ciampa. Era da AP e tinha participado da JEC e da JUC. Em 66 foi presidente do DCE e no ano seguinte da UEE. Em 68 foi presidente da UNE, no Rio, onde foi "podado" pela dissidência do PCB, mas conseguiu abrir seu espaço. Pessoalmente era uma pessoa simples, de físico franzino, extremamente habilidoso e paciente, conseguindo reunir os opositos porque não era sectário. Depois de preso em 68, foi trocado em 69 pelo Embaixador Americano (Dirceu também) e foi para México, Cuba, Chile e RFA. Voltou em 79 no Brasil e morreu dia 24/2/82.

José Dirceu entrou para o Direito em 65 e, segundo dizem, ainda não era muito politizado. Em 67 foi presidente do CA e em 68 disputou a UEE com Catarina Meloni (da AP). Dirceu era da dissidência do PCB. Em 68 foi preso em Ibiúna e exilado em Cuba até 69. Hoje é secretário-regional do PT.

Antônio Ciampa foi presidente do Centrinho de Psicologia em 63 e da Executiva Nacional de Psicologia. Presidente do DCE em 64.65, era da AP. Na sua gestão e por sua ação, apareceu o TUCA. No DCE dos anos 60 ainda teve o Camilo Cintra, o Travassos, Nelson Cardoso, Antônio Xavier, Maluf, Barreto.

No CA B.Bento, atuaram o Antônio Xavier, depois presidente da UNE sucedendo José Serra. O Elinei foi vice do CA e presidente da Atléica, junto com o Juraci (marido da Vera). Maluf, Jura, Elinei, Ciampa, Suster, a Teca e outras meninas não lembradas estavam em todas as comissões e conselhos. Teve também o Carlos Luís Gonçalves e a Rosemary, que foi secretária do CA e sumiu em 68. No CA "22 de Agosto" teve o Funari, mais tarde presidente da UEE. O Ricardo Izar, do PDS, foi presidente do "22", que teve como outros presidentes o Bonumá, o Osmar. Beth Carrazza foi vice.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984 — cep. 05014
Tel. 263.0211 ramal 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro (M. Tb. 11.650)

Roberto C. Barreiro Fº (M. Tb. 3.038)
Edison Mendes de Almeida (M. Tb. 15.237)

Diagramação: Mauro Laguna
Composto e Impresso: Editora AFA

ESCALA MÓVEL

Prof. Guido Mantega, vice-reitor administrativo adjunto

No momento em que estamos instalando uma Comissão conjunta, Reitoria, APROPUC, AFAPUC e DIEESE, para viabilizar a implantação da escala móvel, conforme ficou estabelecido na última negociação salarial, convém dar alguns esclarecimentos à Comunidade sobre esse assunto. O tema vem sendo objeto de polêmica entre especialistas, no que se refere às várias hipóteses de aplicação, mas há um consenso quanto à validade da tese em si mesma.

Quando lançamos nossa proposta, no calor das últimas negociações, ela não foi prontamente entendida, chegando até a ser mal interpretada por alguns. Na verdade, pretendíamos avançar uma nova sistemática de reajuste que beneficiasse funcionários e professores, dentro dos recursos da PUC. Nesse sentido, propusemos o que entendemos ser uma das reivindicações mais avançadas das classes trabalhadora

na atualidade, adaptada às precárias condições de nossa instituição.

Foi daí que seurgiu a escala móvel pela média que, se não chega a ser tão vantajosa quanto a escala móvel pelo salário mais alto, prepara o caminho para a sua implantação. Pela sistemática atual da semestralidade, o salário fica congelado por praticamente um semestre, com um reajuste trimestral de 3%, resultando numa falta de dinheiro generalizado para professores e funcionários, nos meses que antecedem o reajuste. Muitos não aguentam todo o semestre sem recorrer ao cheque especial ou a empréstimos de agiotas, pagando juros mais correção. A grande vantagem da escala móvel pela média é a de estabelecer uma regularidade salarial sem os altos e baixos da sistemática atual. Os salários cairiam apenas nos 3 primeiros meses da implantação e não em todos os 6 meses como no semestral, e depois ficariam estáveis, sendo reajusta-

dos mês a mês de acordo com a inflação.

Outra vantagem oferecida pela nossa proposta é a de que os reajustes mensais se dariam com base no índice de custo de vida (ICV) e não mais com o INPC da legislação em vigor. Para se ter uma idéia do que isso representa a mais, basta lembrar que na última negociação o INPC era de 68,5 contra um ICV de 83,5%.

A tabela A exemplifica a superioridade da escala móvel pela média, indicando que apenas no primeiro ano os funcionários e professores se beneficiariam de um aumento de 5,4% em relação à semestralidade acrescida da trimestralidade de 3% e dos abonos de 15 e 18%, respectivamente em janeiro e fevereiro. No segundo ano essa vantagem cresce para 8,9%, e continuaria crescendo numa escala sucessiva, de forma automática, sem a necessidade de confrontos desgastantes, até atingir um patamar salarial condizente com as necessidades dos assalariados da PUC.

No gráfico 1 pode se visualizar o que acontece com a passagem da semestralidade para a escala móvel. Em março de 1985, após o reajuste semestral, o salário começa com o índice 100 e cai para 59% do poder aquisitivo de março no final de agosto, com uma inflação hipotética de 10% ao mês. Em setembro ele seria reajustado com o ICV semestral que equivale a 110% do INPC (segundo a diferença verificada no semestre passado), cairia até dezembro e depois se beneficiaria de reajustes mensais, mantendo um patamar estável até eventuais reajustes de salários, condicionados a novos recursos para a Universidade.

Os reajustes eventuais elevariam a média salarial em direção ao pico salarial (verificado atualmente no mês de reajustes semestral), caminhando para um salário mais condizente com as necessidades de todos.

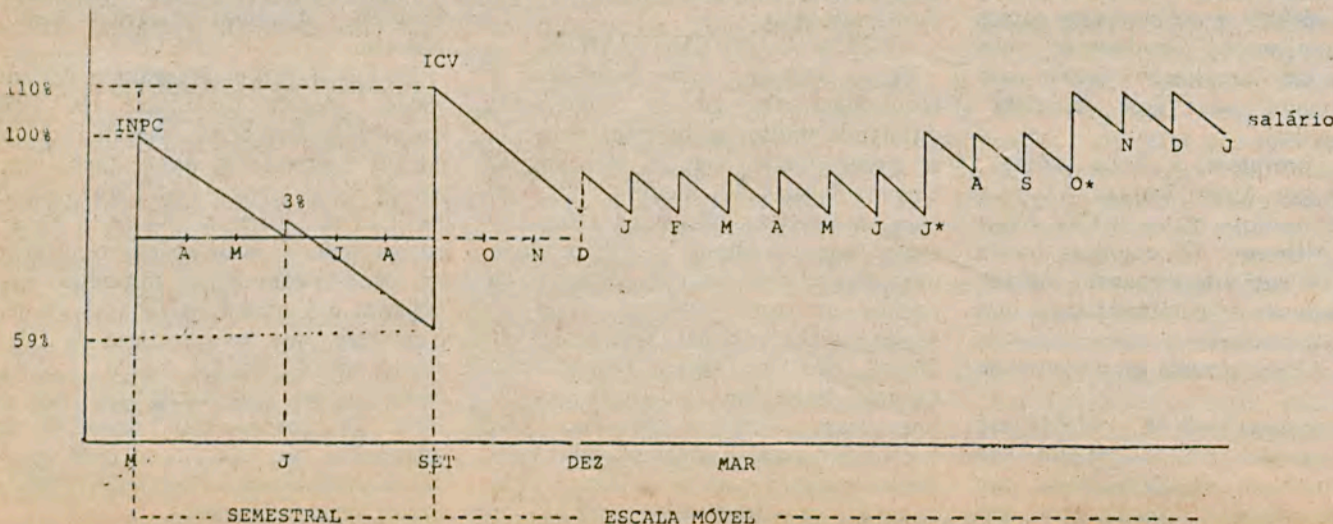
Por que não começamos com os reajustes mensais (escala móvel plena) logo após o reajuste semestral? Evidentemente essa seria a fórmula que melhor atenderia as necessidades da comunidade, garantindo um salário real estável ao longo do semestre. Entretanto isso implicaria um custo adicional de 22% sobre a folha de pagamentos, o que seria absolutamente inviável, já que não temos recursos nem mesmo para pagar os salários na fórmula atual. A escala móvel pela média, apesar de implicar num custo adicional de quase 5% só no

	SEMESTRAL				ESCALA M.	
	INPC	TRI 3%	ABONOS	SUBTOTAL	ICV	SUBTOTAL
1985						
SET	100				100	
OUT	100				100	
NOV	100				100	
DEZ	100	103			110	
JAN	100		118,45		121	
FEV	100		121,54		133,1	
MAR	173,82				146,41	
ABR	173,82				161,05	
MAI	173,82				177,15	
JUN		179,03			194,87	
JUL		179,03			214,35	
AGO		179,03		1.701,54	235,79	1.793,72 5,4%
SET	302,13				259,37	
OUT	302,13				285,31	
NOV	302,13				313,84	
DEZ		311,19			345,22	
JAN		311,19			379,74	
FEV		311,19			417,72	
MAR	525,16				459,49	
ABR	525,16				505,44	
MAI	525,16				555,99	
JUN		540,91			611,59	
JUL		540,91			672,74	
AGO		540,91		5.038,17	740,02	5.542,08
				6.739,71		7.340,19 8,9%

BASE: SET/85 100

ICV: 10% A.M ou / 77,15% SEM 213,82 A.A.

INPC 9,16 73,82% SEM 202 A.A.



*Reajuste condicionado a verbas externas

déficit

“COMBATER
‘A SOMBRA’!
NÃO AGUENTO
MAIS,
COMBATER
‘A SOMBRA’!!”



primeiro ano, tem a vantagem de evitar o grande desembolso de dinheiro nos meses de abril e outubro, diluindo, melhor nossas dificuldades financeiras, Precisamos de mais dinheiro emprestado. Só que não de uma só vez, mas diluído ao longo de cada semestre.

As empresas privadas, os bancos e mesmo as empresas públicas podem e devem pagar a escala móvel plena, com reajustes mensais, porque elevam suas receitas (preços, juros e impostos) com muita frequência, basta ver o índice inflacionário. Mas a receita da PUC é reajustada apenas uma vez por semestre dificultando a implantação da escala móvel plena.

Acreditamos que hoje a escala móvel pela média seja a melhor solução para a nossa Comunidade, dentro da precária situação financeira. Falta equacionar os problemas de ordem jurídica, para viabilizarmos a proposta, com a maior brevidade possível, o que já está sendo encaminhado.

PROPOSTA DA REITORIA EM SETEMBRO — 85

Na fase da implantação, a proposta de escala móvel pela média é a seguinte:

- no quarto mês após o reajuste semestral normal, os salários passam a ser reajustados com base no ICV mensal mais recente, (vide gráfico 1) disponível até o dia 20 do mês anterior, prazo necessário para a elaboração da folha de pagamento.
- a partir do 4º mês o reajuste será mensal e cumulativo, excluindo o reajuste semestral, usualmente aplicado no 7º mês.
- após o primeiro ano de implantação será feita uma avaliação para verificar os efeitos práticos da escala móvel.

SUPLEMENTO

PRESENTE DE NATAL

Aí vão os contos para criança selecionados em nosso concurso, produzidos por pessoas da comunidade universitária.

Leve-os para seus filhos.

O MUNDO DAS MÃOS

Milton Valarelli

Em São Paulo, no bairro do Brás, morava as mãos do menino Carlinhos. Com elas, também moravam, as do papai e as da mamãe.

As mãos de Carlos fizeram, ambas, 12 anos e eram muito atarefadas para a idade que tinham. Logo pela manhã, sonolentas, mas resolutas, obrigavam o corpo a levantar-se empurrando-o para fora da cama. A mão direita, sabendo que Carlos era miope, tateava o criadomudo a procura-se de seus óculos. A mão esquerda coçava a cabeça num gesto de desânimo. No banho, as mãos levavam o corpo de Carlos direitinho, preparando-o para mais um dia. Manuseavam a escova de dentes como ninguém e penteavam os cabelos de Carlos como ele gostava. Calça camisa e estava pronto. As mãos miravam a obra satisfeitas.

Restava alimentar Carlos. Enquanto as mãos finas da mãe faziam o café as mãos de Carlinhos passavam manteiga no pão. As mãos de mamãe e as de Carlos eram velhas amigas e se gostavam muito. Do outro lado da mesa as mãos do papai, sempre tão severas e peludas, logo pela manhã seguravam aquela pasta que tanto carregavam de lá para cá. As mãos de Carlos observavam como as do papai manobravam o carro para fora da garagem. Quando crescessem iriam ser como elas: grandes e fortes.

Na escola, cansadas de só segurar a caneta, as mãos atiravam pedras nos muros, jogavam bola e até brigavam defendendo Carlos das mãos maiores da 8ª série. No recreio as mãos, que também eram muito bobinhas, gostavam de ficar perto de umas mãos bonitas e quando roçavam nelas não sabiam onde ir de tanta confusão que sentiam.

Perto da escola moravam duas mãos negras. As de Carlos sempre passavam por elas, quando iam para casa. Estavam sempre a segurar as barras do portão, desalentadas e sem amor... desesperança de mãos sofridas.

Novamente em casa, nada tendo o que fazer, e curiosas como são, sempre procuravam algo para desmontar, o que na maioria das vezes era um despertador velho. Gostavam de desapertar os parafusos e retirar a tampa para deixar Carlos ver como era a estranha máquina. Uma vez, as mãos do papai, cansadas e irritadas depois de um dia de trabalho, viram as de Carlos desmontando o despertador. Furiosamente, as mãos do papai transformaram-se em demônios e batiaram no corpo de Carlos pesadamente, suas mãos procuravam lhe defender, mas eram muito pequenas. Foi graças às mãos de mamãe, que conteram a fúria descontrolada e consolavam Carlinhos, é que, enfim, suas mãozinhas puderam descansar.

À noite, depois de fazer as tarefas de escola, iam para cama cansadas de um dia agitado. A mão direita escovava os dentes enquanto a esquerda tirava meleca do nariz. Na cama a mão da mamãe vinha e cobria Carlinhos e lhe dizia amar numa linguagem toda própria. A direita gostava do calor do travesseiro enquanto a esquerda estendia-se no colchão.



A GOTINHA E O BICHO PELUDO

José Antonio Trindade

Uma gotinha ... ou uma gotícula? ... Bem, uma gotinha mesmo, porque era uma gotinha simples, sem muito brilho, que se desprendeu do cano do chuveiro e veio deslizando pelos azulejos, tremulando, ora indecisa, ora rapidinha. Às vezes se colava na superfície dos quadros frios e se arrastava com uma lentidão pesada, suando minúsculos pontinhos deixados para trás. De repente se desgrudava apressadinha e escorregava até dois outros compridos azulejos e caía com um baque seco nas estrias da emenda daqueles enormes quadrados escorregadios. Cada queda brusca nos cortes profundos para a pequenina gota era um susto que a fazia tremer mais que gelatina que se esborracha no chão. Depois, um espichamento vagaroso e com cuidado pela borda de mais uma quadra lisa a percorrer. A pobre gotinha se alonga, a cabeça lá na frente, o corpo comprido, quase se parte ao meio... Enfim, vence a rampa, tomando novamente forma normal de uma gota, deixando atrás de si outros sinaizinhos de esforço e suor.

Agora, uma paradinha. Vascila. Uma escorregadela e outra parada repentina, um estremeçãozinho. Ela não sabe se vai sair em disparada e passar voando por sobre aquelas riscas para não se despedaçar em dez ou se vai se arrastando devagar, até atravessá-las, esfregando a barriga e se esticando novamente. Quando assim raciocinava, a pobre gotinha sentiu que não podia mais se conter naquela posição. Começou a tremelicar de pavor ao notar pela primeira vez o imenso abismo diante de si. E mais assustada ficou ainda quando divisou lá embaixo algo que parecia terrível. Ai ela quase gelou, se tornando toda fosca, com dificuldade até de enxergar. Aquele ponto no distante chão tomava, assim, uma proporção de um monstro maior do que era. Nesse embarço, nem percebeu que começava a deslizar, devagarinho, a princípio, e com mais rapidez, em seguida, tiritando e faiscando. Desse modo foi se precipitando parede abaixo. O monstro, cada vez mais apavorante e asqueroso.

Então, como se fosse uma mágica, um sol alegre e quentinho entrou pela janela e iluminou com toda sua claridade o longo caminho a ser vencido. Ele pôde ver quantas gotinhas estavam reluzindo à sua frente e ao seu lado, e criou coragem:

— Socorro! Preciso de vocês! Juntem-se a mim!

Algumas davam umas piscadinhas de susto, sem entender nada. Outras escondiam o brilho, com indiferença. Mas a maioria patinou ligeirinho, aumentando seus reflexos luminosos, indo se juntar a ela. Formou-se, então, uma gota enorme e cheia de luz. Agora escorria veloz; ia vencendo sem dificuldade as emendas do azulejos, alegre e destemida, caminho abaixo. Sentia-se com toda a força para pôr o monstro a correr. E esse vendo aquele clarão, deu uma corridinha para se afastar da mira daquela luz cegante, e parou. Frações de segundo depois: plaft! — raios cintilantes se espalharam por todos os lados, acompanhados de uma festiva e forte gargalhada. A aranha peluda correu e se escondeu em uma toca. A gotinha e suas companheiras gotinhazinhas festejaram com pulinhos contentes, brilhantes de sol.

FORMIGO

Desde pequenino ele usava óculos. E por incrível que pareça, quanto mais ele crescia, mais seus óculos aumentavam também. É claro que ele detestava aqueles óculos enormes, mas sem eles, nada conseguia ver.

Baixinho, sardento e de óculos, Felipe aos 8 anos mais parecia uma formiga; e era este o seu apelido na escola e na rua. Mas como ele era menino, seus coleguinhas lhe chamavam de formigo. Com o tempo, passaram a chamar-lhe de Migo.

Migo não ligava para as brincadeiras constantes de que era alvo na escola e na rua. Os garotos sempre arranjavam alguma troça para pegar Migo, e o pior é que ele sempre se dava mal. Mas Migo não ligava, porque ele sabia que todas aquelas

brincadeiras chatas e sem graça aconteciam com ele porque ele era o único que usava aqueles óculos enormes e feios. “Um dia - pensava Migo - vou ficar alto, bonito, vou usar lentes de contato e assim ninguém vai mais fazer estas brincadeiras comigo”.

Mas o tempo passava e nunca acontecia dele crescer, ficar bonito e deixar de usar óculos. E as brincadeiras continuavam...

Um dia, perto do final da semana, o pai de Migo chegou em casa muito feliz porque havia sido promovido no emprego e iria trabalhar na cidade grande. Finalmente eles sairiam do interior...

Migo recebeu a notícia com grande entusiasmo e foi logo contar aos seus co-

legas que ia mudar para São Paulo. Todos olharam-no perplexos e não falaram nada, absolutamente nada. Triste, Migo voltou para sua casa, mas não ligou porque quando mudasse para São Paulo, ele iria usar lentes de contato e fazer muitos amigos.

No sábado, dia da mudança, o caminhão chegou e os móveis começaram a sair da casa e entrar no grande carro. O pai e a mãe de Migo estavam felicíssimos e cansados, Migo nem tanto.

De repente, seus amigos começaram a chegar; tres, cinco, nove, doze, dezoito crianças e algumas que Migo nem conhecia. Tristes, as crianças deram um grande presente para Migo, junto com um grande bilhete:

“Migo, você é realmente nosso AMIGO. Você sempre aceitou as brincadeiras com bom humor e nos ensinou bastante coisa. Vamos sentir muitas saudades”.

Neste momento, Migo olhou para os lados e percebeu que não era só ele quem usava óculos enormes. Muitos dos seus amigos usavam; e que seu apelido não vinha da palavra formigo e sim da palavra AMIGO...

Olhou para seu pai, e com os olhinhos cheios de lágrimas disse:

— Papai, vamos ficar?

Paula Cristina Veneroso

A FAMÍLIA COROCOCÓ

Isaura Silveira

Dona Cocota carijó andava muito nervosa. Todas as tardes aprontava uma cocorocaria louca!...

O senhor galo voava em seu socorro.

— O que te aconteceu, Cocotinha querida?!...

— Cocoró... cocó... rococó... e a coitadinha azulava para o fundo do galinheiro, passando o resto do dia num carijó desmaiado.

O senhor Galo, já muito preocupado com a saúde da cocota, resolveu levá-la ao psiquiatra. Marcou hora e lá se foram.

— Não é nada de grave, apenas "gravidez"... estado de choco. Trate-a com muito amor e carinho. Tenha paciência: assim que nascerem os corozinhos, tudo voltará ao normal, disse o Dr. legorne. É estado emocional psicológico.

O senhor galo ficou radiante com a notícia; desdobrava-se em mesuras para com sua Cocota. Esta, por sua vez, deitou-se sobre os ovos, no afogado ninho, lá num cantinho bem no fundo do galinheiro.

Ansioso, a cada canto da madrugada o futuro papai fazia a contagem regressiva dos vinte e um dias para a chegada dos pimpolhos. Terminado o prazo, emplumou-se todo para receber a visita da cegonha.

Mal começaram os pios-pios e os cacarejos da mãe, o senhor Galo, muito orgulhoso, cantou... cantou... anunciando para o mundo o grande acontecimento!

De todos os lugarejos chegavam amigos para felicitá-los e conhecerem os recém-nascidos.

— Que casal mais feliz, com tantos filhinhos lindos!... disse uma das vizinhas, com um pontinha de inveja.

— Eu vim lhe trazer uma canja, para que fique forte depressa, falou a comadre Angola.

Mas nada mudou para Dona Cocota. Continuava tão assustada que ninguém a tirava do ninho. A muito custo o marido conseguiu convencê-la a dar um passeio para exibir os pitainhos. Saiu temerosa olhando de soslaio os quatro cantos do seu domínio.

Foi uma festa! Entre tantas penas curiosas, os nenéns iam de um lado para outro, tomando contato com o mundo. A mãe, porém, não participava de nada. Aterrorizada, esperava a qualquer momento aparecesse o tal "Bicho Papão" que tanto medo lhe impunha.

— Eu sei muito bem o que está acontecendo comigo; não é nada psicológico, é medo mesmo daquela "coisa"... fala consigo mesma, a mão apavorada.

De repente... dona Cocota cacarejou tanto que espantou os visitantes, e, com suas asas abertas qual uma bandeira desfraldada, em vôos carijós e arrepiados levou de roldão os pintainhos!...

Ah!, mas desta vez também o senhor galo levou um belo susto!

— A Cocotinha está cheia de razão; algo de monstruoso ronda o nosso terreiro, minha família corre grande perigo!

Os dias passavam enquanto dona Cocota definhava em seu ninho, escondendo sob as asas todos os filhinhos; o pai montava guarda noite e dia, sem saber o que fazer.

Penado com a situação da família, o senhor Galo tomou uma resolução:

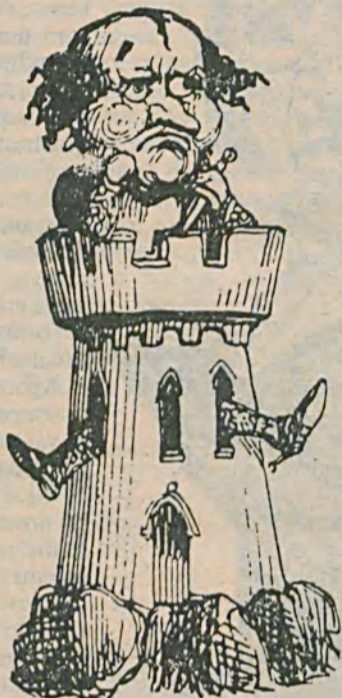
— Enfrentarei o Monstrol, exclamou. eu sou forte, sou o Rei do galinheiro, portanto meu dever é defender o meu reino!

Ergueu a crista, afiou as esporas, encheu o peito e, heroicamente partiu para a luta. "Vencer ou ser vencido!"

E o valente empenado chegou no momento exato: a "coisa" veio chegando... chegando e... blum! Aterrizou bem em cima do grande guerreiro!...

Foi só pena que voou. O senhor Rei covardemente se evaporou!..

Divertindo-se com a cena, a criançada invadiu o galinheiro para pegar a pipa "Gavião"...



SANTA MOITA DOS BONS CONSELHOS

Hoje, quando andamos pelas ruas só ouvimos reclamações e lamentações. A gasolina que subiu, o ônibus que atrasou ou o salário que é tão pouco que já acabou. Dizem que é tudo culpa da maldita inflação. Com todas essas reclamações está até faltando muro para se lamentar.

Na floresta os bichos também têm suas queixas. Só que bem diferentes das nossas; eles não conhecem a inflação. E na selva como não existem muros, eles lamentam para uma moita, que ouve todos com muita paciência e dá bons conselhos. Por isso ela recebeu o nome de SANTA MOITA DOS BONS CONSELHOS.

No mês passado ela ouviu a Cobraulia lamentando não possuir mãos, para ser uma arremessadora de pesos. E Macacosme chorar por que sem pés, jamais seria o artilheiro da seleção de futebol da floresta.

"Ora, ora' não fiquem tristes por essas coisinhas", disse a Santa Moita. E continuou: "Você Cobraulia, com seu corpo esguio de serpente, dará uma ótima contorcionista. E você Macacosme é caso resolvido. Deixe o futebol de lado. Com suas quatro mãos será o

melhor jogador de vôlei que a floresta já teve".

Outro dia Santa Moita recebeu duas figuras com lamentações muito esquisitas. Eram Sapolônio e Magalinha. Sapolônio estava muito triste com os homens. E disse: "Tá certo que muitos deles estão sem emprego e tudo está muito caro. Mas não é justo dizerem que não aguentam mais engolir sapos. Eu estou me sentindo um ser indigesto".

Já Magalinha, que é muito vaidosa, estava bronqueada com as mulheres. "Tão logo aparecem rugas no canto dos olhos, elas falam que estão horríveis pés de galinha. Horríveis? Logo os meus pés que são tão lindos...", dizia Magalinha toda convencida. "Não tenho culpa se elas estão cheias de preocupações. E a preocupação faz as rugas surgirem precocemente".

Ambos se sentiam ofendidos e queriam tirar essas expressões da língua dos seres humanos. A Santa Moita ouviu e não sabia o que responder. Mas não queria deixá-los sem resposta. Pensou, pensou e passou a bola para frente.

"Falem para o Napoleão reivindicar isso do novo presi-

O sol já tinha desaparecido fazia horas, o panorama da Fazenda parecia calmo, com exceção do chiqueiro e não era para menos; lá reside um porquinho gordinho e rosado chamado MAX. Esse nome foi dado pelo filho do proprietário da Fazenda, porque o porquinho, além de muito simpático, era enorme e avantajado para um filhote de apenas quatro meses, era o "máximo", por isso "MAX".

É justamente esse o problema que afligia Max, seu enorme peso e a conversa que ouvira de dois empregados a respeito da chegada de uma caminhão com a seguinte palavra: - MATADOURO.

Bastou esta notícia para que Max chegasse ao pânico, não poderia nem imaginar virar toicinho, salsicha ou doar seu lindo rabinho para uma feijoada. Isto era demais...Pelo que lhe disseram os outros porcos já adultos, ele seria escolhido, mesmo contando apenas com quatro meses.

Outro fator que o preocupava muito era não poder contar com a ajuda de Rodolfo, o filho do fazendeiro, seu maior defensor. Essa paixão duradoura pelo porquinho foi desde o seu nascimento; Rodolfo, estudante de Veterinária no primeiro ano, foi de assistir ao parto da engraçada e amável porquinha Julinha que a coisa começou. A partir daí, Max ficou sendo para Rodolfo como um mascote: apesar de Rodolfo, amante inveterado da natureza, contar com mais de noventa mascotes dentro da Fazenda,

sem contar com os de fora, como uma enorme sucuri, que apareceu por lá e até hoje continua.

O problema maior era esse, Rodolfo estava na cidade e só iria chegar à fazenda no próximo mês. Será que Max teria o azar e a infelicidade de morrer assim, estupidamente?

A manhã chegou rapidamente, o sol já estava bem forte e MAX, coitado! Ele passou a noite em claro, até a sua pele já estava um rosa opaco, é a morte que se aproxima...

Poxa vida, pensava, será que vale a pena nascer e morrer assim; porque os humanos comem tanta carne... Não poderiam substituí-la por outra coisa?

O medo toma conta de Max, não consegue nem sair do seu chiqueiro. E se se escondesse, sumisse, não daria certo, seria descoberto, não é fácil esconder oitenta quilos de repente...

Seu coração dispara, começa a suar. Ouve subitamente alguém chamar seu nome, olha para os lados, é Rodolfo... Mesmo assim, fica imóvel, ao deparar com o ameaçador caminhão. Percebe então que acaba de descer daquele trambolho o caseiro que ao abrir a porta começa a descarregar inofensivos sacos de farinha!

Não hesita mais, corre desajeitado ao encontro de Rodolfo, o seu rosado começa a ganhar cor, contrastando com o azul da malha de Rodolfo.

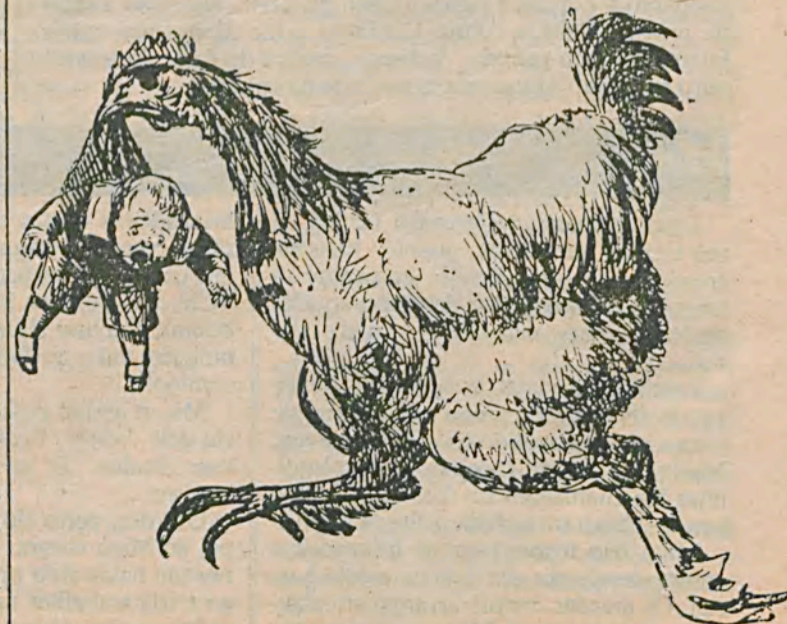
E assim termina mais um dia naquela Fazenda e Max continua por lá até hoje.

dente dos Homens". Napoleão será descendente do Rei das Selvas, tinha nome de imperador francês e era o presidente dos bichos. "Vocês sabem: presidente com presidente se entende. E afinal de contas, depois de tanto tempo eles voltaram a viver numa democracia..."

Os homens e mulheres esperam que Napoleão tenham

bastante sorte em suas negociações. E que o novo presidente acabe com todos os problemas que andam reclamando nas ruas. Porque são eles que motivam o engolir de tantos sapos e o acumular de tantos pés de galinha.

Franklin
Valverde



VOÔ MUDO

Gisele Kolber

Esta história é tão real quanto o poesia que existe em seu coração. Ele é um menino diferente... seus olhos parecem um lago de águas mortas e seu corpo movimenta-se como a beleza da dança das gaiotas. A diferença acho que não está nele, mas nem pessoas que estão à sua volta e que nunca o reparam.

Ele é um menino diferente... gosta de observar apoiado no parapeito da janela as luzinhas da cidade que confundem-se com as estrelas... aparecem... desaparecem... aparecem com a rapidez mágica do pensamento dele, que voa.

Adora sentar no degrau da escada e observar a chuva cair. As gotas que respingam em seu rosto, refrescam-no como o banho que ele insiste em dar no seu loro... loro mudo.

Quando brinca com sua coleção de bolinhas de gude, não são mais as bolas que ele joga, mas imagina um grande confronto entre os planetas que transparentes deixam escapar seus segredos. Assim sua atitude predileta é olhar para o céu e imaginar-se dono do grande universo e organizador das estrelas, do sol, da lua, dos planetas...

Quando ainda era pequeno e já não conseguia mais segurar sua curiosidade, perguntava à sua mãe: "Mãe, por que as estrelas não despencam do céu"? Ou então perguntava a seu pai: "Papai, como que o sol sabe exatamente a hora de ir embora para aparecer a lua e a lua também desaparece assim que o sol aparece"?

Essas perguntas sempre deixavam seus pais desconcertados, ainda mais quando ele vinha com umas idéias estranhas: "Eu acho que o melhor era a lua casar com o sol porque aí eles seriam um só, e o mundo seria ao mesmo tempo noite e dia, claro e escuro e as pessoas não poderiam dizer que preferem a noite do que o dia". Conforme o menino foi crescendo, essa perguntas deixaram lugar para um silêncio melancólico que aparece sempre que observa o sol, a lua, o mar... Quando chovia muito forte, saía correndo para ver o mar receber as águas da chuva e misturar-se

com elas. "Por isso que o mar é salgado"!

Seus pais brigam porque ele não está indo muito bem na escola, e seus professores sempre dizem que ele está no mundo da lua. Acha graça!

Neste dia, o menino acorda com uma sensação diferente em seu coração.

Ele pensa que Deus deve se sentir um pouco assim quando vê uma flor morrer e apressa-se por fazer outra, ou quando vê os homens lutarem em guerra e então trata de mandar alguns bebês para alegrar a vida das pessoas.

Anda até a cozinha e lá sente um silêncio profundo. Da cozinha caminha para o quintal e seu coração quase para de bater quando percebe que não ouve seu loro mudo... loro que conversava com ele em pensamento.

Caído na gaiola o loro mudo consegue movimentar um pouco suas asas, mas em vão... seu olhar parece um oceano sem ondas...

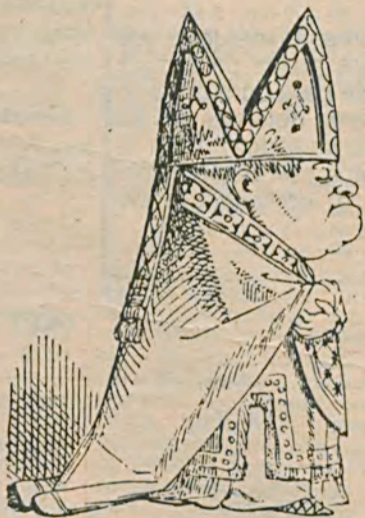
O menino pega o pássaro e acaricia seu corpo quase sem vida. Mas de repente algo modifica-se na relação dos dois amigos. No momento do fim, o menino é pássaro e o pássaro é o menino numa solidariedade própria de bicho.

Resolve jogar o companheiro para o céu, mesmo sabendo que a queda será inevitável.

Arremessa-o e o grande universo o acolhe com mãos de fada.

O loro mudo bate asas... o loro mudo voa... voa... e o menino diferente, nesse momento, voa junto com ele.

Sente-se um pouco Deus.



A FLOR DA IMAGINAÇÃO

Paola Patassini

Beto sentou-se de frente à estante para fazer a lição de casa. Tirou do estojo a Betina, sua caneta favorita: — Uaaaaaaah!... Ainda estou com sono. Por que você me tirou tão cedo do estojo? — Reclamou Betina, enquanto se espreguiçava tentando abrir mais os olhinhos azuis de tinta. Logo depois dela, outros objetos levantaram-se:

um lápis, uma borracha e um apontador. Depois que todos estavam acordados, Beto começou a fazer a lição. Betina era muito inteligente como toda caneta que se preza e ajudava-o, com seus amigos, a fazer as lições de casa. Quando Beto terminou a lição, estava meio intrigado: — Como é que vocês os lápis, canetas, cadernos... são tão inteligentes?

— E que nós viemos de um Reino de muito saber: O Reino dos Objetos dos Meios de Comunicação... — esclareceu Betina na ponta dos dedos do menino.

— Onde fica isso?

— Ora, na imaginação, é claro, lá pelos lados da criatividade... Você gostaria de conhecer o nosso Reino?

— Oba! Quero sim! — Assim dizendo, Beto deu um mergulho na sua imaginação e quando tudo ficou mais claro, lá estava no Reino dos Objetos dos Meios de Comunicação. Caminhando de mãos dadas com sua caneta, Beto andou por um lugar onde as estradas eram feitas de borracha e réguas, ornamentadas com desenhos harmoniosos na junção das mais variadas cores. Conheceu e conversou com livros, máquinas de escrever, jornais, revistas, televisores... e até se atrapalhou com os "bips" de um microcomputador. Depois, foram para uma estufa, onde havia um jardim cheio de flores. Betina explicou-lhe que aquela era a estufa das flores mágicas: as flores da imaginação, plantadas na terra do sonho e regadas com a fantasia e a criatividade. Penetraram lá e Beto conheceu as flores mais estranhas e belas. Elas contavam, falavam e dançavam movimentando suas hastes e pétalas sonoras. De repente uma delas cantou mais alto: trata-se de uma flor invisível, mas Beto podia sentir a sua presença. Planando na sonoridade das pétalas, a flor invisível esclareceu: — Eu sou a flor da sua imaginação... Estava escondida, presa entre os seus sonhos. Sou a sua criatividade. Esperava que você viesse ao meu encontro para me libertar. Só você sabe como eu sou. Tire esses fios que me prendem nos seus sonhos e me liberte, vamos! Eu quero aparecer para que todos me vejam!

A flor o envolveu ternamente com sua inspiração. Beto não pensou duas vezes. Pegou o primeiro papel que passava numa das estradas de borracha, chamou um lápis e começou a desenhar a flor da sua imaginação. Foi então que apareceu um, enorme monstro branco e elástico, muito temido naquele Reino: A Borracha Maluca. Só porque não estava gostando do desenho do Beto, começou a apagar os primeiros traços da sua flor.

— Pare! Pare com isso! — Gritou Beto e segurou a borracha por uma de seus lados, auxiliado por Betina, tentando acalmá-la. Vendo-se presa por Beto e sua caneta, a borracha resolveu apagar também seus dois adversários. No entanto, antes que os dois amigos fossem totalmente apagados, o lápis reconstituiu de novo suas formas. Nessa altura da briga, a loucura foi total e a borracha, furiosa, apagava tudo o que estava em sua frente: estradas, casas, etc... A situação agravava-se. Logo, quase todos os habitantes daquele Reino, tentando salvá-lo, puseram-se sobre ela para impedi-la de prosseguir com aquela destruição crescente. Mas nada a interceptava. Todos os que se opunham a sua frente eram apagados. Foi então que Borrifela, uma caneta tinteiro muito sabida, pôs-se de frente à borracha tentando impedir-lhe os passos destrutivos e apagadores. Assim que a destruidora tentou a apagá-la e sem caminho Borrifela expeliu com a ajuda de outras canetas... toda a tinta de seu corpo bem na cara da dita cuja!... Logo, os espaços vazios da borracha encheram-se de tinta. Toda melecada, suja, grudenta e quase afogada em meio a toda aquela tinta, ela mal podia se movimentar. Furiosa e vermelha de raiva, com um brilho malévolo nos olhos, esbravejou: — Vocês me pagam! Vou destruir este maldito mundo! Esperem só até eu me livrar desta tinta! — Atolada, tentou num gesto inútil apagar os borrões de seu corpo. E foi aí que se traiu. Tentando desesperadamente, em reviravoltas elásticas, apagar a sujeira de seu próprio corpo, a borracha acidentalmente apagou-se a si mesma submergindo no mar da inexistência... Todos ficaram pasmados observando aquela cena funesta e a destruição causada pela borracha. O bom era saber que os habitantes daquele Reino estavam novamente livres para expressar diferentes idéias, cores, formas, desenhos e sonhos sem repressão.

Depois dessa aventura, finalmente, Beto estava dando acabamento a sua flor. Aos poucos ele ia construindo com criatividade as pétalas e folhas que faltavam. Logo terminou de construir a sua flor e quanto mais lia e desenvolvia seus pensamentos, ela ficava ainda mais linda com suas pétalas multicoloridas, porque Beto continuava regando-a sempre com as gotinhas mágicas da sua imaginação.

O VOVÔ RARO

Mária de Fátima Rolim Rosa

A noite chegou e com ela todos dormem tranquilamente. Uns com preguiça mexem-se; outros para aproveitar ao máximo aquele aconchego acomodam-se melhor. De hora em hora ouve-se o barulho de folhas bocejando.

Opá!... Nem todos dormem. Num canto escuro da sala na última prateleira, alguém está acordado. Seu olhar é pesado, suas vestes são tristes marcadas pelos árduos anos de vivência. Sua pele está amarelada, envelhecida pelo tempo. Todos o respeitam, mas ao mesmo tempo, sentem pena de vê-lo assim tão velhinho sem ter condições de trabalhar.

A noite calmamente caminha e o dia pouco a pouco começa a clarear. Alguém boceja aqui, outro estica a folha ali, a fábrica apita - é hora de acordar.

Todos estão alegres com o amanhecer de um novo dia, todos se preparam para mais um dia de trabalho; só o Vovô, no seu cantinho esquecido, começa a recordar que um dia também trabalhou e, agora velho e empoeirado fica só a apreciar.

De repente alguém grita: SILÊNCIO! e, em um segundo a sala fica silenciosa. Ouve-se apenas um barulhinho - é o barulho da chave na porta a se Meer - Bruuumm... a porta se abre e a luz do sol banha a todos com amor:

— Bom dia meus amigos!

Todos respondem:

— Bom dia Srta. Luz!

— Psiiii... silêncio, a bibliotecária está chegando.

Ela entra; com olhar carinhoso, vê que todos estão no seu lugar, todos estão à disposição; apenas o Vovô, triste, esquecido, não tem tanta ilusão.





O trabalho começa. Um Senhor quer ler poesia; uma criança quer uma canção; um jovem, um livro de história e a bibliotecária calma, paciente coordena a situação. Alguém grita: -Ai que dor... uma criança me rasgou!

Lá vai a bibliotecária acudir, com cola e um pequeno curativo de papel o coloca a descansar.

Coitadinho do livrinho de fadas! Ao pegá-lo alguém o derrubou no chão.

Todos trabalham; só o Vovô, quieto, esquecido, fica apreciando seus irmãos.

O dia vai passando calmamente e o Vovô já sem esperança de alguém lembrar-se dele, fica pensando em um amanhã melhor.

A Bibliotecária calmamente recoloca as obras nos seus devidos lugares; aproximando a escada até a estante do Vovô, sobe alguns degraus e coloca um livro no sexto andar. Parada, ela olha para o alto e bate os olhos sobre o Vovô. Todo amedrontado, ele tenta esconder-se, pois, velho, ultrapassado só serviria para ser colocado na temível sala sombria, para onde muitos foram e não mais voltaram.

AQ Bibliotecária sobe mais alguns degraus, estica o braço e pega-o.

Ele não perde um só movimento pois não sabe o que irá acontecer.

Todos os seus colegas voltam o olhar para ele, tensos, preocupados com aquela situação.

Ela desce os degraus com ele nas mãos, limpa-o e abre.

Seu rosto transforma-se com uma expressão de espanto e começa a falar:

—É uma obra rara, é uma obra rara!

Rapidamente coloca-o em destaque sobre uma mesa com o título: OBRA RARA.

O dia termina; as portas se fecham. Todos pulam de seus lugares e numa alegria total comemoram a boa nova: — O VOVÔ É RARO - não existem quase livros iguais a ele!

E, o livro "Discurso" aproveitando a oportunidade, coloca os seus dons em comum, fazendo uma linda homenagem, elogiando a raridade que é o Vovô e a paciência que ele teve de esperar tantos anos para alcançar a FELICIDADE!

MÃE E SORVETE PRA TODO MUNDO

Amauri Teixeira

É só perna que passa de um lado para outro. Perna de gente apressada. Para ver a cara de alguém é preciso olhar para o céu. A mãe puxa pela mão na hora de andar e puxa pela mão na hora de olhar as vitrines das lojas.

Eu fico vendo aqueles meninos que pedem coisas para as pessoas. Eles são sujinhos. Mas riem... De vez em quando um sai correndo atrás do outro e lhe dá um empurrão. Depois é o outro que corre atrás do um e faz o mesmo.

Minha mãe continua puxando. Eta calor danado! Eta gente apressada! Que sede.

Os meninos não param de correr e nem ligam para o sol. Nem para as gentes apressadas, que quase correm também.

Tento puxar minha mãe como ela faz comigo e ela responde:

- Sorvete agora não.

- Estou com sede

- Agora não, mais tarde.

E lá vou eu, quase com os pés fora do chão, atrás dela.

Além de me puxar, minha mãe carrega umas sacolas que batem na minha cabeça.

Eu gosto mesmo é de entrar naquelas lojas onde se compra sapato. Dá para sentar e ficar fazendo careta em frente aos espelhos. E sempre tem mais gente pequena pra brincar junto. Quem nem aqueles meninos lá da rua. Que sorte a mãe deles não estar lá para puxá-los pela mão...

Mas minha mãe continua puxando. Eu sempre quero vir com ela fazer compras e sempre me arrependo. Isso acaba cansando.

Ufa! Hora do sorvete. Sorvete de chocolate. Até que vale a pena fazer compras. Isso também é sinal de que a mãe terminou e que logo iremos para casa. É sempre assim. Quando

chega o melhor, hora de ir embora.

Agora, alguns daqueles meninos que corriam estão se aproximando.

- Tia, paga um sorvete.

- Não tenho mais dinheiro.

Puxa, minha mãe comprou tanta coisa que ficou sem dinheiro. Os meninos olham para o meu sorvete.

Pergunto a um deles:

- Por que você não pede sorvete para sua mãe?

- Eu não tenho mãe.

Então estico o braço e ofereço:

- Quer?

Ele, que era o mais sujinho de todos, vem e morde o sorvete.

Quando minha mãe vê o menino mordendo meu sorvete dá a maior bronca. Arranca o sorvete da minha mão e entrega ao garoto. Já meio chorando escuto a mãe falar para o sorveteiro:

- Outro de chocolate.

Uê, ela disse que não tinha mais dinheiro...

Quando me dá o sorvete recomendo:

- Não dê sorvete à ninguém, senão não ganha mais.

Os meninos vão embora felizes com o sorvete que ganharam. Depois continuam correndo e brincando.

No caminho de casa penso nesses meninos que não têm mãe para pagar sorvete. Acho que eles não têm casa também.

Fiquei com pena deles e com raiva da mamãe que não quis pagar sorvete a eles.

Queria ser um desses meninos que não têm mãe para puxar pela mão. Mas queria ter mãe para comprar sorvete e ir para a cama dela nas noites de chuva. Imagino se todo mundo tivesse uma mãe só e como seria bom viver brincando e correndo, todo mundo junto.

DOIS IRMÃOS MAL INFORMADOS

Marcos Ribeiro de Barros

Tomás e Otávio são irmãos. Tomás é gordo, de pernas grossas, e Otávio é magro, de pernas finas.

I

Um dia, Tomás estava amolando sua mãe, reclamando da grossura das suas pernas:

— Manhê, eu queria tanto ter um corpo bonito, igual ao do Tarzã! Por que eu sou assim gordão, heim, mã?

— Filhão, larga de ser bobo e vê se vai jogar bola na rua com a molecada, é até bom pra você emagrecer um pouco, já que está reclamando tanto.

Tomás pensou um instante, olhou para o seu corpo e, rapidinho, estava no meio da rua, jogando de centroavante no time com camisa. A primeira bola que lançaram, ele, que nunca tinha jogado futebol na vida, furou. Seus companheiros de equipe gritaram:

— Ô, meu, cê é grosso, heim?

Tomás olhou para suas pernas, para os seus braços e correu para casa, chorando.

II

No mesmo dia, Otávio tinha uma festa de aniversário de um colega da escola. Ele se achava muito magro, com um corpo muito fino e, por isso, colocava sempre a calça do pijama por baixo da calça e vestia duas camisetas, para ficar mais gordo.

Quando ele chegou na festa, a primeira coisa que fez foi cumprimentar todo mundo. Aos homens, cumprimentava com um aperto de mão e, às mulheres, cumprimentava com um beijo na mão, como um cavalheiro, desses que a gente vê em filme antigo e a vovó adora. A mãe do amigo comentou alto, com a irmã:

— Puxa, que rapaz fino!

Otávio ouviu e, olhando para o seu corpo, teve vontade de chorar. Foi para o banheiro e... buááááá!!! buááááá!!!

III

Mural da História :

DOIS IRMÃOS MAL INFORMADOS

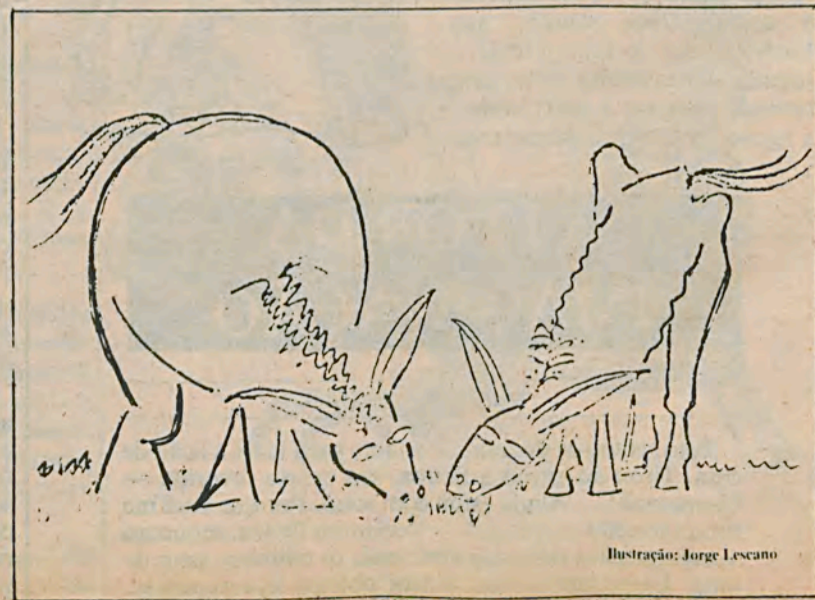
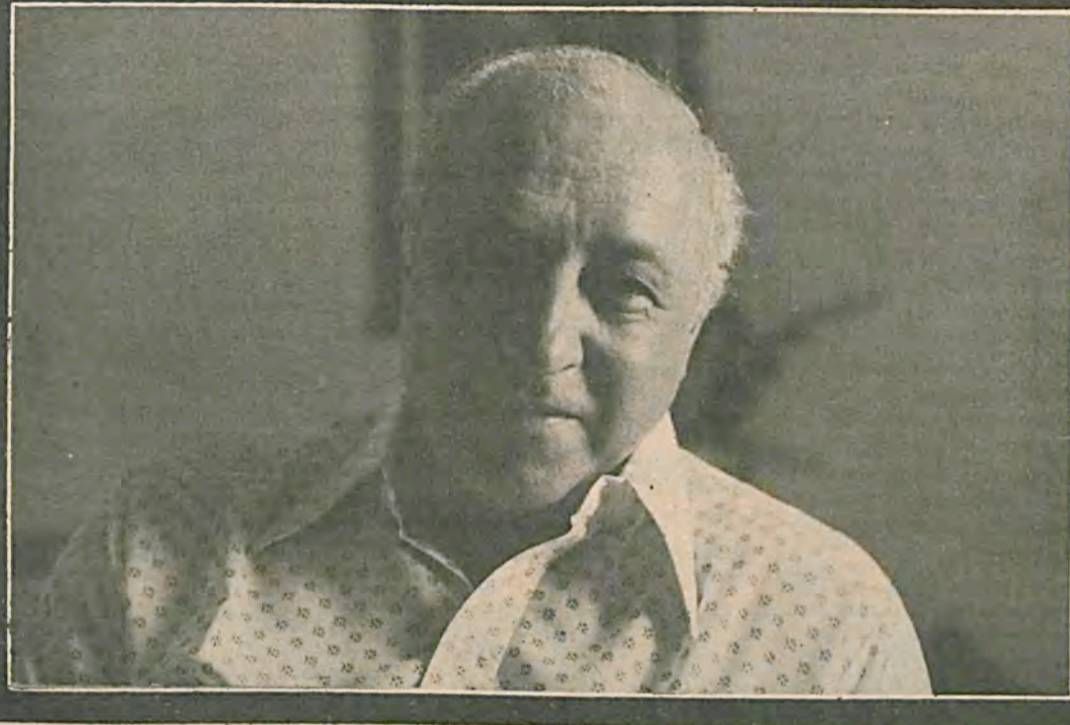


Ilustração: Jorge Lescano

FEDERALIZAÇÃO

PE. ENZO



Este ano acadêmico, culminando com a greve, mostrou, a quem tem olhos de ver, que a Universidade Católica de São Paulo veio aos poucos escorregando para um terreno movediço, do qual - pensam muitos e esperam outros só poderá ser salva pela federalização. O próprio Reitor, em assembléias de professores e funcionários, aludiu mais de uma vez a essa solução. Comentou-se até a dificuldade da sua consecução por se ter de enfrentar uma experiente "multinacional", a Igreja.

Mas, não é isso o que importa agora. O que não é possível, nesta situação, é deixar de refletir, com um largo setor da nossa comunidade universitária, ainda perplexo, sobre as desrazões da federação.

Sei, de um lado, que é obrigação do Estado proporcionar educação a seus cidadãos, seja porque lhe compete a promoção do bem comum da sua sociedade, seja porque para isso recebe os impostos correspondentes e seja porque é direito natural estrito da pessoa humana tender para a maturidade de suas potencialidades, o que gera, na família e no Estado, a obrigação da educação. Mas, de outro lado, sei também que é direito inalienável do cidadão decidir sobre o tipo de educação que julga conveniente e coerente com sua própria cosmovisão. Não há Estado que tenha o direito de forçar uma cultura negra ou índia a ver o mundo com os olhos dos brancos, como não há em Estado algum o direito de educar um povo cristão como se fosse marxista ou vice-versa. Foi por usurparem este direito que Estados como a Itália de Mussolini, a Alemanha de Hitler, a URSS de Stalin ou a China de Mao - para não multiplicar os exemplos - operaram verdadeiras lavagens cerebrais de gerações inteiras, com os resultados que todos conhecemos. E para não deixar em branco o nosso exemplo tupiniquim, foi por essa mesmíssima razão que nos coube receber em nossa Universidade homens da estatura de um Casimiro, de um Ianni, de um Florestan, de um Di Giorgi, de um Tractenberg, de um Singer ou de um Giannotti (que parece odiar-se a si mesmo por ter tido de comer no prato que lhe proporcionamos...), expulsos da USP pelo Estado. E só foram recebidos porque esta Universidade é (era?) católica e não se submeteu às pressões do Estado: apesar de todas as consequências, foi fiel ao princípio da liberdade na educação, que é princípio seu, da sua própria cosmovisão. Enfrentou abertamente o Governo (com suas verbas, convênios, privilégios, modomias...) para salvar o princípio, para salvar-se a si mesma como Católica. Isso, sem falar dos inúmeros professores marxistas, liberal-capitalistas ou positivistas que a Universidade acolheu nos seus quase quarenta anos de existência. (Pergunte-me, curioso, qual será o fim dos liberal-capitalistas e dos cristãos, se a atual tendência conseguir seus intentos...)

Tudo parece tão claro: ao Estado compete proporcionar todos os meios indispensáveis à educação dos cidadãos. Mas compete ao cidadão o direito de escolha do tipo de educação que lhe convém. Sem o cumprimento destas duas exigências não há liberdade de educação nem como sistema educacional, nem como cosmovisão, nem como pedagogia. Mas, então, o que está acontecendo nesta nossa Universidade? Por que essa ânsia angustiada de federalização?

Das podem ser as respostas. De um lado, há professores, funcionários e alunos que, ingenuamente, se interessam exclusivamente pela dimensão econômica do problema: o que importa para eles é receber mais e pagar menos ou nada, não interessando saber em que situação venha a ficar a liberdade da educação ou a orientação dessa mesma educação.

Por outro lado, pode tratar-se de uma postura ideológica que atribui ao Estado a função de definir a linha educacional e cultural de um povo.

Na prática, as duas correntes se exprimem como o mesmo jargão: "escola pública e gratuita". Seria bom examinarmos mais de perto essa velha "palavrinha de ordem."

ESCOLA GRATUITA E PÚBLICA

Escola gratuita, todos sabemos o que é e todos a queremos. É direito de todos os cidadãos porque todos, por suposto, pagam imposto. O que, aliás, torna o adjetivo "gratuito" uma balela, uma farsa, uma mentira: todos pagam, inclusive os que não estudam. A escola paga, portanto, é uma sobrecarga - e discrimina-

minatória - nos encargos sociais dos cidadãos que, de uma forma ou de outra, são levados a frequentá-la. Ainda mais, é um imposto extra duplamente discriminatório, porque, além da discriminação anterior, ele incide exatamente sobre o setor menos aquinhoado dos que ainda, apesar de tudo, conseguem estudar. Os mais abonados têm maiores facilidades na guerra das poucas vagas das escolas "gratuitas" do Estado. E aí se patenteia o paradoxo: os que, em geral, podem menos economicamente, são obrigados a pagar duas vezes. Na escola particular pagam por seu estudo e, pelos impostos, pagam para que o economicamente mais forte estude na escola gratuita do Estado. E é preciso acrescentar uma terceira discriminação: o aluno do Estado custa à sociedade de duas a três vezes mais do que o da escola particular. Um aluno de Medicina de Sorocaba custa a seus pais um terço do que custa à sociedade um de Ribeirão ou Botucatu. E concorre às mesmas funções e às mesmas responsabilidades que ele e, não raro, o supera em competência e dedicação. Por que então a injustiça de obrigá-lo a pagar os estudos por si e pelo outro?

É evidente, portanto: todos desejamos sinceramente a escola gratuita. Mais do que isso: todos temos o mesmo direito a essa escola "gratuita".

E escola pública o que é? Aqui entra o engodo, a falácia do slogan "escola pública é igual à escola gratuita". Ou é pública ou não é gratuita. No Brasil, isso é um dado de fato que o slogan propõe como princípio. Mas vejamos, o que é escola pública? Dizem uns que é a escola construída e sustentada pelo Estado. E, para evitar consequências ideológicas, negam qualquer outro tipo de influência ou interferência do Estado na escola, a não ser uma séria fiscalização qualitativa (do ensino) e administrativa, para que dela não se faça comércio. Nessa caso, quem a orientará filosófica, pedagógica, programática, disciplinarmente? Os pais dos alunos, os professores, os próprios alunos, os funcionários? Se for assim, porque não pode uma comunidade de pais, professores, alunos e funcionários cristãos orientar uma Universidade Católica, construída e sustentada pelos impostos pagos aos Estado pela comunidade católica? Se for assim, qual o problema em que grupos culturais - capitalistas, marxistas, positivistas, existencialistas ... - existentes na sociedade, se candidatem à orientação de escolas gratuitas construídas e sustentadas pelo Estado, receptor de impostos para o bem comum? Na verdade, o direito à elaboração científica, em nível universitário, compete aos focos culturais que compõem a cultura global de uma sociedade. E deles o direito de apurar, em nível científico, suas raízes, suas dimensões, seus valores, sua história. E deles o direito de oferecer cientificamente, à cultura global da sociedade, sua contribuição específica. Não é, por acaso, exatamente esse o direito que fundamenta todo o ressurgir atual dos estudos das culturas negras, índia, latino-americana? Não é exatamente essa a reclamação anual

da SBPC, de que o Estado faz ciência sem os cientistas?. Essa interpretação, portanto, da locução "escola pública" nada mais faz do que justificar, em princípio, a existência de uma escola católica, ou marxista, ou capitalista... focos culturais de uma cultura global, que têm muito a dizer neste país, "gratuitamente", porque existem e pagam impostos. O Estado não faz cultura nem ciência; quem faz é o povo. Ao Estado compete propiciar as condições do trabalho científico.

Se, por outro lado, interpretamos "escola pública" como aquela que cumpre a função social de ensinar e educar, temos de convir que a Universidade Católica já é pública tanto quanto as melhores estatais, em alguns setores. Senão, como explicar que centenas de professores das universidades federais prefiram fazer sua pós-graduação entre nós e não nas escolas gratuitas do Estado? Como explicar o valor institucional, social e cultural dos nossos diplomas de Direito, de Administração, de Psicologia, de Letras, de Matemática, de Medicina e não sei de quantos cursos mais? Se, pois, a Universidade Católica está cumprindo sua função cultural, social, científica, não há razão nenhuma para não receber a parte que lhe cabe do latifúndio das estatais. Não há razão para não ser financiada pelos impostos que todos pagamos e poder assim oferecer gratuitamente seus cursos aos estudantes que, no exercício da liberdade de escolha da própria formação, a procuram. Ficaria muito mais barato para eles e para o Estado (leia-se povo).

Além do mais, não é pelo simples fato de ser do Estado que uma escola cumpre necessariamente sua função pública. Ela - estatal ou particular a cumpre quando consciente e honestamente procura formar seus estudantes na linha das necessidades populares e não quando os prepara para a disputa dos cargos das multinacionais...

IGREJA PATROA?

Resta refletir sobre o argumento jogado na assembléia dos professores: "a PUC só é católica num sentido moral porque a Igreja não desembolsa nada". Em outras palavras, "quem paga, manda". É esta a consciência de educação dos "professores" da Católica? Lamentável.

Deixando de lado o sabor evidentemente capitalista (ou marxista?) do argumento, analisemo-los de perto. Em primeiro lugar, dando de barato que o argumento seja válido, sua aplicação coloca os professores em maus lençóis: desde quando um professor "desembolsa" ou paga para ter o direito de afirmar que o curso que ministra é seu? Pelo contrário, "recebe". Ele oferece um serviço difícil e escasso e tem evidentemente o direito de receber por ele. O professor e a escola, que o fazem, só podem ser elogiados: sem eles, o aluno ficaria sem curso, sem diploma nem profissão. Errado anda o Estado que obriga, a quem tem o direito a esse serviço, a pagá-lo duas vezes: Ora, segundo o bom senso, a razão

e a ética, um erro se corrige onde ele existe. Tentar corrigi-lo somente em suas consequências é manter e fomentar sua ação perniciosa. Se, pois, o erro está no Estado, por que não orientar a luta contra a desidia do Estado em priorizar a educação, em tornar gratuitas, com verbas controladas mas eficazes, as escolas que o merecem?

O que acontece, no entanto, é que a simples alusão à possibilidade de financiamento estatal de escolas particulares provoca terríveis arrepios e formidáveis enjões de estômago... Por quê? Já não existem experiências semelhantes, tranquilas e eficientes, livres e baratas, na Inglaterra, na Bélgica, na Holanda?

Mas o argumento merece resposta mais radical. Ele peca pelo falso suposto: quem "paga" é o povo, não o Estado. O Estado aplica as verbas que o povo (mesmo o que não estuda) paga. Se, pois, é o povo que paga, por que ninguém se interessa em saber do povo - nestas épocas de participação - no que ele quer que sejam aplicadas, pelo Estado, as verbas da educação? Quem garante que o povo não preferiria ver desfazer-se o escândalo nacional dos 38 milhões de analfabetos, com os 70% das verbas de educação, gastas com universidades, às vezes, principescas em suas instalações e subdesenvolvidas em seu ensino? Além disso, se o ensino é mais barato nas particulares, por que torná-lo mais caro federalizando as particulares? O que resta, então, para justificar essa raivosa tomada de posição de colegiados e associações que, na média, não chegaram a receber 30% dos votos da comunidade para os cargos que ocupam? Razão econômica não é: fica muito mais barato ao povo pagar bolsas de estudo para todos os alunos do que federalizar. Sobre a razão ideológica: o monopólio da educação como direito do Estado. Além de pagar pelos impostos os custos de sua própria educação, o cidadão tem de engolir a orientação educacional do Estado. Foi o que aconteceu e acontece em todos os países socialistas e o que se tentou impor ao povo francês, no ano passado, mas gorou: numa enorme demonstração pública de sua vontade, em passeata de mais de um milhão de pessoas, da qual participaram mais de 30% de famílias inscritas no Partido Socialista, de Mitterrand, e de 17% de famílias inscritas no P.C.F., de Marchais, o povo francês negou ao Estado o direito de estatizar as escolas particulares e de subjugar a liberdade de educação.

Se, no entanto, na Universidade Católica, membros da comunidade insistem na idéia e na prática de uma universidade ideológica, de cosmovisão diferente, por que não a organizam e montam e deixam a Católica de São Paulo em paz? Se querem uma universidade que "assegure uma visão integrada e globalizante do real", por que não abandonam à própria sorte os pobres desintegrados e parciais cristãos? O tempo - que sempre, historicamente, esteve a favor deles... - se encarregará de esvaziá-los e dispersá-los como poeira aos ventos da cultura, da ciência e dos socialismos contemporâneos...

BOM... E... LOGO!

A coluna que venho mantendo há mais de dois anos na Folha de S. Paulo, às sextas-feiras, trata de temas variados, tanto políticos como culturais. A matéria é escrita com dois dias de antecedência, por exigência do jornal. Esta que agora aqui se publica, foi redigida no dia 13, para publicação no dia 15 de Novembro, dia das eleições municipais. Contudo, não foi publicada, provavelmente por questões ligadas à orientação da direção do periódico, durante aquele momento político. Entrego-a à divulgação, sem alterações, com a intenção de estar contribuindo para a reflexão sobre a situação política brasileira e para o entendimento do "fenômeno" Jânio Quadros. — Décio Pignatari

São as primeiras eleições livres da chamada Nova República, que caminha para a sonhada grande democracia brasileira a passos de tartaruga. É um dia de festa, especialmente para o principal candidato: o povo - aquele que é sempre vencedor ... até que se proclame o resultado das urnas, a urna-roleta da política tupiniquim, onde ele sempre perde. E ele sempre perde porque nunca lhe permitem que aprenda a jogar. Esperemos que o aprendizado que hoje se inicia tenha uma continuidade de séculos. Qualquer Fujânio pode errar: quem paga é o povo. Mas o povo não pode errar: não receberá um tostão de Fujânio algum deste mundo. A pergunta a ser feita é: por que o povo erra? Será que erra mesmo? Multiplicam-se como coelhos os suspeitos cruzadinhos demo-cristãos, brandindo espadinhas-cruzinhas de pau (inclusive pelo vídeo da TV estatal, paga com o suor de toda a população), impertentemente dispostos a impedir que as mais negras trevas da ditadura se abatam sobre o Brasil Liberado, cujo baluarte extremo é a Terra de Piratininga, oh! Para esses, mais ignorantes do que o povo, se Jânio Quadros vencer, a culpa é do PT: isto é ponto pacífico. Mas, para vencer, Jânio Quadros precisará conquistar mais de um milhão e meio de votos. Como explicar

mais esse "erro" do povo? Por que é que o povo erra quando vota em Jânio Quadros e não erra quando vota na salazarista Ruth Escobar (por exemplo)? O PT, já uma vez derrotado por Jânio Quadros, sê-lo-á novamente. E isto dá a medida do longo caminho que ainda precisa percorrer. Não é que precisa ter a consciência pesada por não praticar o chamado voto útil. Não, isso não. Mas é preciso que tenha desde logo a consciência de suas responsabilidades aumentadas na luta contra as forças obscurantistas de direita. Sim, porque estas forças sempre existirão do Brasil. E é preciso que a gente se acostume a enfrentá-las desde logo, sem temor, sem geléia geral: aí está uma das seto cabeças do monstro, diante de nós: Jânio Quadros.

Mas voltemos à questão que mais deve interessar-nos. Trata-se de uma questão onde estão unidos o comportamento de massa, a ideologia e os interesses de classe. Vencendo ou não vencendo, Jânio Quadros obterá expressiva, para não dizer impressionante, votação. E é preciso lembrar que ele despontou como força política ressurta em 1982, quando ainda havia o governo Montoro. Isto parece apontar para um fenômeno mais estrutural do que conjuntural, como se diz em economia. Ou seja, Jânio não representa uma contingência passageira, que pode ser varrida da mapa por uma coalizão política de momento. Depois dele, virá um outro: o antigo deus Janus tinha duas caras... e este tem muitas. O lumpeninato, o trabalhador não-qualificado e a pequena-burguesia defendem os seus interesses com o mesmo afinco com que a alta-classe média defende o seu patrimônio e os seus privilégios de acesso aos lucros mais polpudos. Aquelas classes tendem a trocar a política pela moral - tal como acontece com os anarquistas tradicionais, de resto. Elas exigem segurança física: a polícia. Elas exigem a segurança de bens e posições: política e anti-comunismo. Eles exigem a segurança de sua "ideologia" moral: política, anti-comunismo e censura. E é isto o que Jânio representa para elas. Para muito pequeno-burguês, até com certo nível de escolaridade, Jânio é um "gênio". No Brasil, vota-se mais em gente do que em partido: é por isso que Fernando Henrique e Jânio estão e sempre estiveram à frente da disputa. A novidade do PT na vida política nacional é que ele é mais partido do que nome ou pessoa.

Amanhã e domingo vai haver muita festa e muito ranger de dentes. Estas eleições não vão provocar nenhum terremoto, mas apenas acomodações de terreno. Ela é a primeira de uma série de baixo teor sísmico, com término previsto para 1988, quando elegeremos o presidente da República pelo voto direto. Ainda que não venhamos a ter uma "Pax Romana" sob a égide do PMDB, teremos uma democracia que se consolida. E antes que nos assaltem novas dúvidas, digo, estenograficamente, como o folclórico Pedro Geraldo Costa: em lugar de "Bom dia e até logo" - "Bom... e logo!".

Décio Pignatari

Eduardo Maretti



TEMPO DE AUTO-CRÍTICA

(“Toda consciência visa a morte de outra” - Hegel)

1) O PMDB, entre a pretensão e o desdém, com relação a posicionamentos políticos que levassem em conta não só os interesses do povo como também uma visão mais apurada das consequências de suas decisões (sempre feitas “pela unidade do partido”), ignorou sempre as reinvocações do PT, principalmente com relação aos dois turnos. Este foi o início da derrota de Fernando Henrique Cradoso, homem cuja importância transcende em muito seu próprio partido, e em função do qual não pode mais conceder em detrimento de sua própria consciência política. Como perguntou a ele o repórter Ernesto Varela, da Record, quando a derrota já se anunciava, refletindo na pergunta o carinho que todos temos por ele: “É aí, Fernandão, não é hora de uma auto-crítica?”. É de todos nós. Todos, menos os sócios de ocasião.

2) A partir de determinado momento da evolução política, em que a vitória do candidato inominável era próxima, cabia ao Partido dos Trabalhadores uma reava-

liação da situação. O PT se isolou, prendeu-se ao discurso anacrônico da resistência (“Hay gobiernom soy contra”), quando a realidade mostrava a necessidade absoluta de que as forças à esquerda se somassem: a política é uma atividade que depende de análises relativas ao momento histórico e político; não pode ser levada à frente (?) com linhas imutáveis de condutas coerentes para sempre, pois a realidade é caótica e mutável. A força do PT não seria prejudicada pela aliança tão desejada com o PMDB, mesmo porque a ascensão nacional do partido de Supliy o colocaria numa posição privilegiada, diante da qual - e diante do apoio popular que, a partir de agora só tende a crescer - poderia, concretamente, exigir politicamente até secretarias do governo paulistano. Seria um grande ponto estratégico do PT, a somar-se ao seu desempenho promissor de 85. Não? Mas o PT voltou todas as baterias de suas críticas a Montoro e ao PMDB e através dessa retórica imobilizadora ajuda nas entrelinhas o

candidato nefasto que a todos (pensantes) preocupava. O PT preferiu, em São Paulo, manter seu próprio abecedário, e renuncia aqui ao futuro em nome do qual sempre se posicionou. Ei, Siplicy, e a tua auto-crítica? Ou o PT vai continuar com essa postura milenar que reflete o maniqueísmo católico com o qual (não se fala nisso?) compactua e para o qual o PT é o bem e o resto é o mal? Está na hora de sair da adolescência política. Os meninos e o povo no poder, eu quero ver: adultos.

*) Fernando Henrique e o outro, as ruas dentro do tempo mostrarão, não são braços de um mesmo corpo. O pragmatismo político sempre foi uma alternativa válida contra a desorganização e a corrupção, com as quais todos nós moramos, agora mais do que nunca, no mesmo e maldito lar.

4) Jean-Paul Sartre dizia que o homem jamais é inocente, pois mesmo a omissão já define o seu destino.

Vai-e-Vem

Cartas & Respostas

Nota Conjunta

Nós, Pe. Antonio Firmino de Paiva e José Rocha Cunha repudiamos e desautorizamos o panfleto anônimo intitulado "O Blefe do Presidente da AFAPUC" distribuído no campus Monte Alegre, por entendermos que ele não está inserido no espírito de nossas discussões anteriores, nem no espírito democrático e universitário da PUC/SP. Nossos artigos no Porandubas foram assinado e nos responsabilizamos pelos mesmos, e entendemos que qualquer membro desta comunidade que deseje de fato uma discussão sã deve proceder da mesma forma.

São Paulo, 13 de novembro de 1985

Pe. Antonio Firmino de Paiva
Vice-Diretor Comunitário do
C.C.M.B.

José Rocha Cunha
Presidente da AFAPUC

A VIDA COMEÇA AOS 40

No ano que vem, 1986, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo completa quarenta anos. Mas não é só ela que chega a essa idade. Não podemos nos esquecer que também a nossa faculdade de Direito foi fundada em 22 de agosto de 1946. Quarenta anos! Nós professores da instituição, achamos que isso merece uma grande comemoração. Durante o ano de 1986, a direção da Faculdade, os Departamentos, o Centro Acadêmico "22 de agosto" e a nossa comunidade em geral devem patrocinar atividades culturais e científicas à altura do acontecimento.

Achamos que esse aniversário é uma ótima oportunidade para discutirmos um pouco qual é a responsabilidade da Faculdade de Direito, "celula manter" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em relação às demais

unidades da instituição. É, também, uma oportunidade ímpar para sistematizarmos e divulgarmos a sua História, para homenagearmos os seus atuais grandes nomes, bem como para pensarmos no seu futuro e na sua importância no cenário jurídico e político nacional.

Por isso nós propomos que ainda esse ano, a direção da Faculdade, ouvidos os Departamentos e o Conselho Departamental, nomeie uma Comissão para programar e implementar atividades que façam do ano letivo de 1986, para a Comunidade da faculdade de Direito, uma grande festa. A Festa de quem chega aos quarenta, com bastante ânimo.

São Paulo, setembro de 1985
(Seguem-se 21 assinaturas de professores)

Curso de planejamento familiar e métodos anticoncepcionais

A Licenciatura em Enfermagem da PUCSP, ofereceu de 4 a 7 de Novembro, no subsolo do prédio novo, um curso de extensão aberto a todas as pessoas, com o fim de esclarecer e tirar dúvidas sobre ter ou não filhos. Nem os próprios alunos — articuladores do curso — esperavam tamanha afluência ao mesmo. Talvez devido à polêmica do próprio assunto, ou a falta de informações a respeito, aliada ao fato de o curso ser gratuito (inscreveram-se mais de 100 pessoas).

Logo no primeiro dia, os expositores foram alvo de inúmeras perguntas, percebendo-se enorme interesse do grupo, inclusive gerando debates paralelos entre os membros. Pelas dúvidas levantadas, chega-se a conclusão que nos falta um programa de Educação Sexual nas escolas de 1º e 2º Graus, que propicie um aprendizado fácil e consciente. Tentando preencher esta lacuna, que a Licenciatura em Enfermagem, propôs este Curso, com uma linguagem simples, possibilitando que o material exposto durante as aulas, pudesse ser acessível a todos.

O que ficou evidente, é que o Curso trouxe uma nova mentalidade ao grupo, dissipando dúvidas que a primeira vista pareciam simples, mas que no entanto provaram sua complexidade, por se tratar de incertezas pertinentes a todo o grupo. Fica aqui a sugestão de que tais cursos passem a ser rotina dentro da Licenciatura em Enfermagem, variando, talvez, os temas dos mesmos. E inclusive os demais cursos da Universidade poderiam ter algo semelhante, dentro de suas respectivas áreas, levando o conhecimento de seus alunos para fora do muro da PUC.

Badá: Centro de Educação

A Reforma Agrária na Terra

... Sim, porque existe também a outra, a executada no papel. Esta, como é intuitivo, é muito mais tolerante. Aquela, exige luta, mobilização, vontade política e, sobretudo, um governo disposto.

Quando a PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária) da Nova República foi lançado - ainda no 1º semestre de 1985 - as esperanças de muitos ressurgiram. Inclusive muita gente vacinada por frustrações anteriores foi sensibilizada pela nova proposta. A reação iracunda dos grandes proprietários de terra também contribuiu para a crença de que o PNRA era realmente para valer: pelo menos nas intenções finalmente o latifúndio estava na alça de mira. Os principais interessados na reforma também intensificaram suas lutas. Mas então veio a chuva fria resultante da comparação entre a literatura do plano e os poderosos interesses a serem enfrentados. Foi nesse ambiente, misto de esperança, ceticismo e ameaças, que resolvemos tirar a limpo a questão com um debate. Reunimos sete pessoas do ramo e avaliamos até que ponto o Plano era realizável e quais as forças atuando de um lado e outro da porteira. As experiências passadas de outros países também foram esquadrihadas, e como não poderia deixar de ser cada um apresentou seu diagnóstico sobre a estrutura fundiária brasileira.

Alguns "dogmas" foram postos em questão como aquele que se refere à concentração da terra no Brasil. Outros talvez tenham recebido seu batismo naquela oportunidade.

Esta discussão foi reunida e constitui o corpo de "A Reforma Agrária da Nova República: Contradições e Alternativas". É um primeiro passo. Mesmo porque o assunto requer ainda muito maior aprofundamento, e notícias vindas do Planalto confirmam que o próprio governo, pressionado por todos os lados, mas muito mais por um do que pelos outros, retrocedeu consideravelmente em relação à sua primeira proposta. Há um novo Plano na Praça mais acanhada até do que o previsto pelo Estatuto da Terra.

* Debate que reuniu os professores Bastiaan Reydon, Geraldo Müller, José Graziano, Ladislav Dowbor, Laurindo Lalo Leal Filho, Paulo Sandroni e Ricardo Abramovay Publicado pela EDUC - Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PAULO SANDRONI

Em Relação À Proposta de Transformação de Rorschach I e II.
Em Disciplinas Obrigatórias em Psicologia.

O que significa tal proposta, oriunda dos candidatos a representantes da Formação Geral e Irregulares (de formação Geral) para membros do Conselho Departamental?

Significa assumir o teste de Rorschach como PRIORIDADE no currículo da Formação Profissional. Só que tal proposta implica numa séria discussão de prioridades. As cadeiras de TEMÁTICOS, Pfister, PMK, por certo são de grande utilidade para a vida profissional de um psicólogo. Não menos que Rorschach. Acontece que não é possível que um recém-formado saia "especialista em tudo". Assim, as cadeiras de TEP I, II e III possuem o objetivo (entre outros) de proporcionar, aos futuros psicólogos, uma visão geral dos testes psicométricos e projetivos existentes. O contato posterior do estudante com tais cadeiras OPTATIVAS, é consequência direta da necessidade do conhecimento e utilização dos testes projetivos introduzidos pelos "TEPs".

O que se pode fazer, sob pena de se criar falsas prioridades curriculares, é propor a obrigatoriedade de uma dessas optativas.

Não se deve criar, bionicamente, prioridades. Quanto ao mais, concordo com a carta programa apresentada.

Mário N. Lira Júnior 8º Per. Psico

PARABÉNS ESTUDANTE DE DIREITO

No último dia 6 a nossa querida Faculdade Paulista de Direito assistiu fulgurantemente as eleições para o Centro Acadêmico "22 de Agosto". Como nos tempos das Cruzadas os estudantes de Direito se emburaram do ideal de Justiça, Trabalho, Liberdade e Democracia, e retomaram o seu, o nosso Centro Acadêmico. O ato valente se deu através da participação e do voto do estudante de Direito, que civicamente disse não à inoperância e ao continuismo que caracterizavam as antigas gestões. Bravo estudante de Direito, achou que já era tempo de ver confiado a ele o direito de decidir sobre seus interesses. Parabéns, principalmente aos estudantes de primeiros e segundos anos, que demonstraram a consciência daqueles que não se deixam manipular por retóricas arcaicas, e fazem valer o seu interesse a qualquer custo. No entanto é necessário, estarmos atentos e vigilantes pois os continuistas inoperantes, inobstante a derrota flagorosa, lamentavelmente não procedem, pelo interesse maior, que é o da Faculdade de Direito. Por isso contamos com sua participação pois, vamos defender da maneira que for preciso, os seus, os nossos ideais de Acadêmicos de Direito. PARABÉNS ESTUDANTES DE DIREITO, FINALMENTE O C.A. É NOSSO!

VOX POPULI ! VOZ DO POVO !
VOZ DO ESTUDANTE DE DIREITO !
legitimidade é participação !

BIBLIOTECA

I

Aconteceu comigo, que sou estudante de psicologia, uma situação que me fez sentir o desestímulo dirigido ao aluno que quer ter uma vida universitária mais completa.

Num sábado, eu e um colega nos aventuramos a fazer um trabalho na biblioteca. Pois bem. Lá estava eu às 8 horas da manhã, esperando que as portas da mesma se abrissem. OITO horas é o horário estabelecido para isso acontecer. Eram 8:15 e nada... 8:30 e nada... até que uma colega já cansada começou a bater na porta com fúria. Eu não só a imitei por ser muito tímida. Depois de dez minutos a funcionária abriu as portas como uma cara de mal humor pior que a nossa, e nós entramos.

Perto da hora do almoço, as luzes do recinto (que é um espaço dos estudantes) foram se apagando, e tivemos que sair como cães enxotados. Lá estávamos nós, com cadernos e papéis nas mãos sem poder terminar o trabalho, uma vez que não havia outro lugar onde pudéssemos pesquisar e elaborar nosso raciocínio. Fomos então, procurar salas de aulas. Ao nos instalarmos em uma delas, o pessoal da limpeza varreu-nos juntamente com as pontas de cigarros, papéis amassados, chiclets mastigados. As salas de aulas estavam prestes a serem fechadas.

Isto desestimula qualquer um. Porque a biblioteca, que é um espaço nosso, não fica aberta aos sábados, dia em que geralmente o estudante está mais livre, não trabalha, não tem aulas o dia todo? Nós precisamos deste espaço, de seus livros, de toda a sua estrutura que muitas vezes não temos lá fora.

Sandra Maria Romano
Psicologia 4º ano

II

Foi em decorrência da leitura do Porandubas nº100 que me ocorreu tornar público um fato que a muito me incomoda e intriga: por que as centenas de pessoas que usam a biblioteca da graduação, pós-graduação e hemeroteca não se "dignam" a assinar o livro de presença na entrada?

É um absurdo esta falta de dever que as pessoas têm. Há algum tempo atrás fomos inclusive ameaçados de perder parte destas salas, pois não havia, segundo os dados do livro, razão para que tamanho espaço servisse para umas 10 pessoas diariamente. Por que não assinar o livro, e fazê-lo representativo da nossa realidade do cotidiano, que são salas constantemente preenchidas de alunos, professores e outros, estudando, pesquisando e fazendo trabalhos.

Às 14 horas e 35 minutos desta data, a pilha da edição do Porandubas nº100 estava ao lado do referido livro; as salas da biblioteca cheias e no livro apenas um nome: Getúlio Vargas - Ditador.

Isso vem mostrar a atitude das pessoas desta Universidade: sabem reivindicar seus direitos mais não cumprem seus deveres.

Denise Jorge Leorte Psicologia

video-texto

Já está funcionando o videotexto da PUC (na entrada do prédio novo - andar térreo). Entrevistamos o Sr. Laércio, um dos diretores deste novo serviço da TELESP: "Procuramos dentro de um critério de escolha das melhores alternativas, colocar um ou mais videotextos em Universidades. É para nós um campo e um conjunto de maior atração ao público. Colocamos um videotexto na FEA-USP e outro na PUC.

A idéia é ampliar o nível de uso e a própria experiência com o novo aparelho de videotexto. Trata-se de algo novo à disposição de um público também novo. Temos consciência de que sua qualidade ainda não é satisfatória, mas queremos melhorá-la bem como sua característica de "biblioteca condensada de informações".

A idéia é simples, basta existir uma linha telefônica e um terminal de vídeo e tudo está pronto. Temos assim informações sobre Lazer, Cultura, Economia e Jogos de diversão, além de arte visual em grafismos.

ANÚNCIOS POPULARES

Lançamento: número 7 da revista Psicologia Social da PUCSP. Na Papelaria da PUC já a venda. Temas: consciência, deficiência física, o indivíduo burguês e a especificidade da psicologia social.

Executa-se - serviços de datilografia em máquina Olivetti Praxis 90, eletrônica. Relatórios Curriculum Teses Palestras Trabalhos escolares etc... Tel: 521.5219 tratar com Hilda. Das 12 às 13 e após 18hs.

SENHORAS E MOÇAS - Firma expansão. Admite-se para escritório: Secretária. Auxiliar de Escritório e Recepcionista. Tratar c/Dna. Marisa na DANSIL - Rua Prof. João Arruda, 146 - Perdizes.

Aos nossos amores: A faculdade chega ao fim/o que dela levamos?/pouca-muita coisa/entre elas uma especial, que com certeza ficou e ficará: AMAR VOCÊS (mesmo que não seja com você)/Célia, Nádia, Teresa, Ângela, Cida, Denise, Mônica.

VENDO URGENTE - Corcel II, ano 81, preto, álcool, vidros Rayban, faróis biode, bom estado de conservação, motivo casamento - Cr\$25.000.000 tel.: 276.4140 tratar com Celso.

Produtos natura - Tratamento do corpo, rosto e cabelo. maquiagem Tratar com Edvane. Tel.263.3368.

Serviços de Datilografia em Geral - Qualidade e rapidez. Máquinas elétrica IBM esfera e manual Olivetti. Fone 36.8998 c/Norma.

VENDE-SE - Telefone-rádio-relógio Technica, Cr\$500.000 Amplificador-Equalizador Mustang, 420 Watts, Cr\$700.000 Ambos na casa. Fone: 577.9242 à noite das 20 às 22h. c/Márcio.

PAGAR COM QUÊ!

Acaba de sair o 3º volume da coleção "Que Histeria é Essa?" produzido pelo Grupo de Educação Popular do URPLAN (instituto da PUC voltado para questões de planejamento regional e urbano). Desta vez, o tema é "Clube de Mães e Grupos de Mulheres de São Paulo".

A publicação mostra uma realidade desconhecida para o próprio movimento das mulheres. As entrevistas revelam que não existe separação entre as questões gerais e as específicas. As mulheres que deram depoimento contam como descobriram que tudo o que as afeta decorre do simples fato de SER MULHER. Libertar-se da dominação feminina, implica em transformar também a sociedade que explora o trabalhador e discrimina a mulher, o negro, o índio. Assim, a luta das mulheres é um movimento social de suma importância.

Quem quiser entrar em contato com o URPLAN ligue para 65.7715

DERDIC

O DEFICIENTE E A CONSTITUINTE dia 30/11 das 8 às 17 h na AACD (Associação de assistência a criança deficiente). Na Av. Prof. Ascedino Reis, 724 Entrada franca, ingressos no local. Uma promoção do Conselho Estadual para assuntos da Pessoa deficiente.

CONSELHO DE REPRESENTANTES

Nos dias 17 e 18 de dezembro serão realizadas eleições para o Conselho de Representantes de setor da AFAPUC. Será um órgão consultivo até a realização e aprovação de seu regimento interno. Setores que possuem de 6 a 20 funcionários elegem 1 representante entre 21 a 40 funcionários elegem, 2 repr.; de 41 a 60, 3 representantes e mais de 60, 4 representantes. Os setores que têm menos de 6 funcionários deverão agrupar-se de maneira a eleger seus representantes. Uma assembléia convocada até vinte dias antes do pleito deverá estipular os prazos de inscrição. O Conselho tomará posse no dia 20/12/85.

MARATONA

A Associação Atlética do CACS, vai realizar nos dias 23 e 24/11 a **Maratona de Somaterapia**. Participação de: Roberto Freire, Décio Mello, André Maschkvisch, Zé Maria, Celina Kresiak, Dóris Lewis e Dinho Rodrigues. Vai ter: Capoeira Somática, Somaterapia, Dança Espontânea, Voz percepção e liberação. Interessados em participar, entrar em contato com o CACS.

EDUC

Indicada pelo CONSUN em 23/10 existe uma comissão encarregada de dinamizar a coleta de opiniões dos diversos setores da Universidade sobre composição e atribuições do Conselho Editorial da EDUC. Setores ou pessoas interessados em ter mais informações sobre a minuta de Deliberação, em discussão no CONSUN devem procurar seus representantes, a ou Chefia de Gabinete da Reitoria, ou a EDUC. As sugestões devem ser entregues aos membros da Comissão: Carlos Cavalcanti, Cristiane C. Almeida, Maria Christina S. Campos e Maria do Carmo Guedes ou enviadas à Chefia de Gabinete até dia 22/11.

LANÇAMENTO

Lançamento da Revista "Projeto História nº 5 e Cadernos PUC nº 21 de Filosofia, Linguagem, Arte. Os livros podem ser adquiridos na livraria da PUC no Prédio Novo ao lado da Biblioteca Central.

CALENDÁRIO 86

Aprovado em reunião com Chefias Acadêmicas e Administrativas já está pronto e aprovado o Calendário 86. Os setores acadêmicos e Administrativos que desejarem ou sentirem necessidade de mais exemplares devem entrar em contato com a SEGRAC, na sala p-67 (Prédio Sede) ou pelo ramal 273.

RECEBEMOS

- Estas são as publicações recebidas pela Assessoria de Imprensa no mês de novembro. Agradecemos a:
1. TEXTURAS nº 3 — revista muito bem cuidada do curso de Jornalismo da PUC
 2. "Morar de Aluguel" e "Morar em Quintal", duas publicações dos cadernos ADM — Habitação — Associação em Defesa da Moradia.
 3. Contribuição para a Constituinte, do aluno Marco Antonio Azkoul sobre temas ecológicos.
 4. Princípios de Justiça e Paz — "Pena de Morte", da Comissão de Justiça e Paz - SP.

CRH — URGENTE!

A Coordenadoria de Recursos Humanos, solicita que as pessoas Humanas, no CRH para as pessoas Holleriths. São mais de 500 pessoas que não tiram os Holleriths e tem gente que desde 84 não tira nada do CRH. Gente fina é outra coisa!

UNIPARK RENOVA

Após entendimentos mantidos entre a Fundação São Paulo e a UNIPARK foram negociados os novos preços a vigorar até 31/12/85.

As mensalidades (Profs. e Func.) vão para o preço único de Cr\$ 30.000 (Passou de 20 para 30 mil com um reajuste de 50% enquanto a inflação foi 73%). Para os selos (Profs. e Func) passamos para Cr\$ 1.700 (com um reajuste de 54,5%). O aluguel nos meses de outubro e novembro será de quinze mil e oitocentos mil cruzeiros.

CREPUC

O GT-CREPUC já entregou seu relatório no final de agosto e está sendo apreciado pelos Órgãos colegiados (CAF, CEPÉ e CECOM).

Em função do momento de crise que se estabeleceu na CREPUC a Reitoria reunida com funcionários do setor junto com a AFAPUC tomou as seguintes decisões:

1. Visando à normalização dos trabalhos da CRECHEm realizar Dinâmica de grupo, com o conjunto das pessoas que trabalham na CRECHE com a colaboração do Prof. Dino Bueno, e 2. O trabalho feito pela profa. Fúlvia Rosemberg de Supervisão e Assistência à Coordenadora de CREPUC.

Comissão Redacional

A Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no uso de suas atribuições,

Resolve:

Artigo 1º - Fica criada uma Comissão Editorial da Assessoria de Imprensa e Comunicação, de caráter temporário, composta por 3 (três) professores especialistas na área de Comunicações, um aluno e um funcionário.

Artigo 2º - Compete à Comissão Editorial a definição da política editorial, a elaboração do projeto gráfico e a supervisão da editoração do jornal "Porandubas", do mural "E Hoje" e demais publicações da Assessoria de Imprensa e Comunicação.

Artigo 3º - A Comissão Editorial funcionará até a definição, pelos órgãos colegiados superiores da instituição, das diretrizes para os setores de informação e comunicação da Universidade, em estudos pelo GT-COMINF. **§ único** - Cabe ao Vice-Reitor Comunitário nomear os integrantes da Comissão Editorial.

Artigo 4º - esta Resolução entra em vigor na data de hoje, revogadas as disposições em contrário.

São Paulo, 18 de novembro de 1985-